

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA BILÍNGUE**

KARLA KATIUSKA BATISTA SANTOS

LIVROS INFORMATIVOS:
Caminhos para a formação de leitor

APARECIDA DE GOIÂNIA-GO

2025

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Karla Katiuska Batista Santos

Matrícula: 20211090080014

Título do Trabalho: Livros Informativos: Caminhos para a formação de leitor

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS**

- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 25 de março de 2025.

Local

Data

Documento assinado digitalmente
 **KARLA KATIUSKA BATISTA SANTOS**
Data: 31/03/2025 06:48:54-0300
Verifique em <https://validar.jf.gov.br>

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

KARLA KATIUSKA BATISTA SANTOS

**LIVROS INFORMATIVOS:
Caminhos para a formação de leitor**

Trabalho de Conclusão de Curso no formato monografia, apresentado à Banca examinadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia Bilíngue.

Orientadora: Profa. Dra. Josiane dos Santos Lima

**APARECIDA DE GOIÂNIA-GO
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237 Santos, Karla Kátiuska Batista

Livros informativos: caminhos para a formação de leitor / Karla Kátiuska Batista Santos. - Aparecida de Goiânia, 2025.
79 f.

Orientadora: Dra. Josiane dos Santos Lima.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Pedagogia Bilingue, 2025.

1. Livro informativo. 2. Formação do leitor. 3. Literatura infantil. 4. Letramento literário. 5. Livro ilustrado. I. Título.

CDD 028

Catalogação na publicação:

Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Na presente data realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulada **Livros Informativos: caminhos para a formação do leitor.**, sob orientação de Josiane dos Santos Lima, apresentada pela aluna **Karla Katiuska Batista Santos (20211090080014)** do Curso **Licenciatura em Pedagogia Bilingue (Câmpus Aparecida de Goiânia)**. Os trabalhos foram iniciados às **19:00** do dia **21/03/2025** pela Professora presidente da banca examinadora, constituída pelos seguintes membros:

- **Josiane dos Santos Lima** (Presidente)
- **Alexssandro Ribeiro Moura** (Examinador Interno)
- **Alciane Barbosa Macedo Pereira** (Examinadora Interna)

A banca examinadora, tendo terminado a apresentação do conteúdo do Trabalho de Conclusão de Curso, passou à arguição da candidata. Em seguida, os examinadores reuniram-se para avaliação e deram o parecer final sobre o trabalho apresentado pelo aluno, tendo sido atribuído o seguinte resultado:

☒ Aprovado

☐ Reprovado

Nota : 10,0

Observação / Apreciações:

Proclamados os resultados pelo presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu **Josiane dos Santos Lima** lavrei a presente ata que assino juntamente com os demais membros da banca examinadora.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Alciane Barbosa Macedo Pereira** (008.951.775-01), em 26/03/2025 18:18:57 com chave **edb0faba0a8711f0b6dd005056a537a4**.
- **Josiane dos Santos Lima** (955.196.611-20), em 25/03/2025 08:59:50 com chave **a7a0a786097011f09c15005056a537a4**.
- **Alexssandro Ribeiro Moura** (958.812.391-72), em 25/03/2025 09:12:38 com chave **71599294097211f0a176005056a537a4**.

Este documento foi emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifg.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Ata de Projeto Final

Data da Emissão: 27/03/2025

Código de Autenticação: e9979f



Dedico este trabalho a Deus, Senhor de todas as coisas, à minha mãe, por seu exemplo de caráter e dedicação e aos meus filhos, Gabriel e Mariana, que estiveram ao meu lado durante minha formação, me incentivando na conquista deste sonho.

AGRADECIMENTOS

Esses quatro anos de curso foram intensos e cheios de surpresa. Assim como a vida, o curso apresentou seus altos e baixos: começamos em meio a uma pandemia, com aulas à distância. Estudar somente via computador, sem o afeto e o contato humano, nos conhecendo através de câmeras, foi o primeiro desafio. Ainda durante esse período do curso, presenciei meu pai falecer com COVID e minha avó com pneumonia, além de passar por um complicado divórcio. Foram momentos dolorosos e, com a graça de Deus, superados.

Como dizem os Titãs, “não há nada a que você não se acostume”. Acostumados com as aulas à distância, o próximo desafio foi nos acostumar à presença, ao cansaço diário, ao trânsito, à chuva e ao calor, aos trabalhos em grupo e às diferenças. Diferenças entre surdos e ouvintes, entre professores e colegas. Para finalizar, no último ano, passamos por um período de greve.

E existiram muitos altos. Nossas viagens, dias dentro do ônibus, conversando, cantando, dormindo; dividindo o quarto do hotel; aprendendo coisas que antes nem imaginávamos existir; conhecendo pesquisadores relevantes em nossa área de estudos. Nossas regências nos estágios; ver o rostinho feliz de cada criança que participou da aula. Nossos projetos de pesquisa e extensão. As palestras que o Câmpus nos ofertou. Nossas apresentações em Libras, às vezes “pagando mico” e rindo de nós mesmos, compreendendo que aprender é um processo. A amizade que vai além dos muros da Instituição e o aprendizado significativo.

Agradeço a Deus por me privilegiar com momentos tão felizes e por ser essa rocha firme que me manteve de pé nos momentos difíceis.

Agradeço à minha mãe, Ana Bia Batista, que me apresentou as primeiras letras, os primeiros livros, sempre me incentivando a estudar e a persistir; ela que mesmo distante geograficamente por vários períodos, esteve com a mão estendida e torcendo por mim. Agradeço ainda à minha família maior, minhas irmãs, meus sobrinhos e sobrinhas, tios e tias, primos e primas.

Aos meus filhos, Gabriel e Mariana. Vocês são minha motivação diária, minha força para continuar. Obrigada pelo amor, paciência e companheirismo; por me ajudarem nas tarefas do dia a dia e não me deixarem desistir.

À minha orientadora, Profa. Dra. Josiane dos Santos Lima, por me convidar a participar do Projeto de Pesquisa a respeito dos Livros Informativos, que foi o início desse trabalho. Agradeço por aceitar continuar com essa pesquisa, sendo a minha orientadora. Como agradecer por todo o tempo dedicado a mim? Sou muito grata pela sua atenção, dedicação, paciência e orientação. Obrigada por acreditar em mim, me apoiar e contribuir tanto com minha formação.

Gostaria de agradecer a todos os professores do curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue do IFG Campus Aparecida que, com dedicação e trabalho, colaboraram para que eu alcançasse êxito. Em particular agradeço às professoras Alciane Barbosa Macedo Pereira e Rускаia Fernandes Mendonça por desvendar esse mundo da infância, por me ensinar como as crianças, esses humanos até tão pouco tempo negligenciados pela sociedade adultocêntrica, aprendem; e como em tão pouco tempo já são alvo dessa sociedade de consumo em que estamos imersos. Também agradeço particularmente aos professores Diego Leonardo Pereira Vaz e Thiago Cardoso Aguiar pela contribuição no aprendizado da Libras e sobre a comunidade surda. Inesquecíveis aprendizados para a minha docência e para a vida, levarei da professora Keith Daiani da Silva Braga, obrigada por ser você, sempre tão disposta a escutar e refletir, nos ensinando a respeitar todas as culturas, a valorizar as diferenças. E como não agradecer à professora Waléria Batista da Silva Vaz Mendes, nossa querida coordenadora, por se atentar às inquietações dos discentes e em especial, às minhas inquietações e necessidades.

Agradeço aos professores Alciane Barbosa Macedo Pereira e Alexssandro Ribeiro Moura por aceitarem fazer parte da banca examinadora do meu trabalho, contribuindo de forma significativa com reflexões e diálogos valiosos.

Por último, porém de forma alguma menos importante, agradeço aos colegas de turma pela grande contribuição no meu aprendizado, pela troca de opiniões, pela colaboração nos trabalhos e projetos, pela companhia, pelas viagens e lanches. São tantas contribuições que vocês deixaram; marcas que o tempo não pode apagar.

Gratidão à minha gêmea morena, Vitória, minha dupla de sempre, aquela com quem faço uma troca diária de ideias e inquietações pedagógicas. Ao meu amigo Anderson, o primeiro surdo com quem tive o prazer em conversar, e ainda que esteja longe, continuamos com nossas conversas e troca de informações. Gratidão a vocês, Josefa, Maria Cristina, Rebeca, Ivaina, André, Bárbara, Beatriz, Nathália e Loreнна. Gratidão ainda pelos demais colegas que são de outras turmas, mas contribuíram nessa longa jornada.

"Um livro é um brinquedo feito com letras.
Ler é brincar." (Alves, 2019)

RESUMO

A formação do leitor e o aprendizado crítico da leitura literária são pontos importantes que constituem o itinerário em busca de uma educação que rompa com uma via utilitarista e instrumental da leitura. O objetivo geral deste trabalho foi tematizar leitura e formação do leitor a partir de um objeto ainda pouco explorado no universo escolar, a leitura dos livros informativos. O trabalho teve caráter bibliográfico e exploratório, investigando a própria constituição e o que são os livros informativos a partir da proposta da pesquisadora espanhola Ana Garralón (2015) no livro **Ler e saber: os livros informativos para crianças**. Nossos objetivos se materializaram através das perguntas de pesquisa: Como se dá a formação do leitor a partir do conceito de letramento literário? O que é um livro informativo e como se liga à formação de um público leitor? Como funciona o livro informativo como fonte de produção pedagógica para o trabalho com a leitura? Foram ferramentas teóricas importantes para o desenvolvimento deste trabalho, além de Ana Garralón, as contribuições de Ramos (2013), Hunt (2010), Orlandi (2008), Faria (2019), Soares (2002, 2012, 2022) e Cosson (2019). A pesquisa foi constituída por uma etapa de leitura e reflexão sobre o próprio gênero, livro informativo. Posteriormente, a partir da exploração investigativa da obra de Ana Garralón, a identificação de possíveis práticas de leitura no ambiente escolar e a criação de um produto educacional para trabalho de leitura na escola com o uso de um livro informativo, **Coisas de índio – versão infantil**, de autoria de Daniel Munduruku. Confirmamos a hipótese de que o livro informativo pode contribuir significativamente com as práticas pedagógicas de leitura e a formação de leitores críticos.

Palavras-chave: Livro informativo. Formação do leitor. Literatura infantil. Letramento literário. Livro ilustrado.

ABSTRACT

The formation of readers and the critical learning of literary reading are important points that constitute the itinerary in search of an education that breaks with a utilitarian and instrumental path of reading. The general objective of this work was to address reading and the formation of readers based on an object that is still little explored in the school universe, the reading of informative books. The work had a bibliographic and exploratory character, investigating the very constitution and what informative books are based on the proposal of the Spanish researcher Ana Garralón (2015) in the book **Ler e saber: os livros informativos para crianças** [Reading and knowing: informative books for children]. Our objectives had materialized through the research questions: How does the formation of readers occur based on the concept of literary literacy? What is an informative book and how does it connect to the formation of a reading public? How does the informative book function as a source of pedagogical production for working with reading? In addition to Ana Garralón, important theoretical tools for the development of this work were the contributions of Ramos (2013), Hunt (2010), Orlandi (2008), Faria (2019), Soares (2002, 2012, 2022) and Cosson (2019). The research consisted of a stage of reading and reflection on the genre itself, informational book. Subsequently, based on the investigative exploration of Ana Garralón's work, the identification of possible reading practices in the school environment and the creation of an educational product for reading work in school using an informational book, **Coisas de índio – versão infantil**, by Daniel Munduruku. We confirm the hypothesis that the informative book can contribute significantly to pedagogical reading practices and the formation of critical readers.

Keywords: Informational book. Reader training. Children's literature. Literary literacy. Picture book.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - La Journée de Mademoiselle Lili (França, 1862) - capa e folha interna	42
Figura 02 - Mademoiselle Marie sans soin (França, 1867) - capa e folha interna	42
Figura 03 - Hey-Diddle-Diddle and Baby Bunting (Inglaterra, 1978) - capa	43
Figura 04 - Macao et Cosmage (França, 1919) - capa e folha interna	44
Figura 05 - Flicts (Brasil, 1969) - capa e folha interna	45
Figura 06 - Ida e Volta (Brasil, 1976) - folha interna	46
Figura 07 - Ida e Volta (Brasil, 1976) - capa e contracapa	46
Figura 08 - A semente – S.O.S. florestas (Brasil, 2010) - capa	47
Figura 09 - Miss Davis: a vida e as lutas de Ângela Davis - HQ - capa e folha interna	49
Figura 10 - Brasil 100 palavras - folha interna	51
Figura 11 - Como eu cheguei aqui (capa e folha interna)	52
Figura 12 - Coisas de índio: versão infantil (capa e contracapa)	68

LISTA DE TABELAS

Tabela 01	Sete funções da imagem nos livros a partir de Garralón (2015)	48
-----------	---	----

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	A LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES	19
1.1	A leitura e a literatura infantil	19
1.1.2	As formas de ler como uma prática	25
1.2	A formação do leitor e os documentos oficiais	27
1.3	Leitura, letramento e letramento literário	34
2	O LIVRO ILUSTRADO E O LIVRO INFORMATIVO: relações de leitura	39
2.1	A história do livro ilustrado	39
2.2	Livro informativo: do conceito à prática	48
2.3	O designer a favor da leitura	59
3	LIVROS INFORMATIVOS COMO CAMINHO PARA FORMAÇÃO DO LEITOR	65
3.1	Leitura não ficcional sobre povos originários e o currículo escolar	65
3.2	Guia de leitura: uma proposta de trabalho	69
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, “Livros Informativos: Caminhos para a formação de leitor” se iniciou em um Projeto Voluntário de Iniciação Científica, PIVIC, quando fui voluntária para pesquisar sobre os livros informativos e sua contribuição para a formação do leitor, juntamente com minha orientadora, professora Josiane dos Santos Lima.

O voluntariado se deu pelo meu interesse pelo tema da literatura infantil e da formação do leitor. Uma das motivações para cursar Pedagogia foi a vontade de entender como formar leitores, como motivar as crianças para que se tornem adultos leitores capazes de fazer uma leitura crítica, utilizando a escrita e leitura para as inúmeras necessidades sociais. Quanto aos livros informativos, eu ainda não conhecia o gênero, mas ao ser apresentada a ele, este me despertou grande curiosidade.

Em conversas informais com várias pessoas da minha família, entre os amigos, no trabalho e mesmo no curso de Pedagogia Bilíngue, me intrigou o fato de muitas dessas pessoas afirmarem que não gostam de ler, que a leitura era algo “chato”, “enfadonho”, “cansativo”. A leitura para mim sempre foi algo mágico, envolvente que, além de me trazer conhecimento, informações úteis, me fazia “viajar” por inúmeros mundos, fantásticos ou reais, me tornando personagem daquelas histórias.

Encerrando então o PIVIC, questionei à professora Josiane quanto à possibilidade de continuarmos com esse tema no Trabalho de Conclusão de Curso e quanto à sua orientação também nesse trabalho, o que foi rapidamente aceito.

O objetivo geral deste trabalho foi investigar os livros informativos a partir da obra da pesquisadora Ana Garralón e analisar sua contribuição para o trabalho de leitura a partir do gênero na escola, com o foco na formação do leitor.

Quanto aos objetivos específicos estão: identificar as características e os impactos da literatura na formação de leitores; investigar a constituição e caracterização dos livros informativos a partir da obra da pesquisadora Ana Garralón (2015) e as contribuições do livro informativo para a prática de uma leitura crítica e reflexiva e analisar como o uso de livros informativos pode ajudar o professor a divulgar conteúdos científicos e verificar as potencialidades de trabalho prático com estes na escola, construindo um Produto Educacional que poderá ser referência para o professor.

Esses objetivos se materializam em nossa pesquisa através das perguntas: Como se dá a formação do leitor a partir do conceito de letramento literário? O que é um livro informativo e como ele se liga à formação de um público leitor? Como funciona o livro informativo como fonte de produção pedagógica para o trabalho com a leitura?

Nosso problema de pesquisa está diretamente relacionado às práticas de leitura e a formação de leitores, sobretudo quando o foco é a leitura literária na escola. Esse tipo de leitura exige um trabalho pedagógico que rompa com uma visão simplista sobre a própria Literatura. A nossa proposta de pesquisa traz um recorte bastante específico e visa a compreender a materialidade dos livros informativos e suas potencialidades para a formação do leitor na escola e para além dela.

Partimos da hipótese de que os livros informativos podem se constituir como um objeto importante para uma prática de leitura significativa com as crianças em um mundo cada vez mais impactado pela velocidade das informações. Enfim, compreender com maior profundidade os livros informativos e, a partir disso, vislumbrar um trabalho pedagógico sistematizado, trata-se de uma tarefa relevante não apenas para a formação de professores, mas também um passo importante na direção de um objeto ainda pouco explorado em seu viés teórico, de construção e circulação.

Os livros informativos podem trazer temas de grande interesse para o público infantil e, ainda, sistematizar de forma atrativa os mais variados conhecimentos dispersos na comunicação cotidiana, contribuindo ainda com a divulgação da ciência e o letramento científico, ajudando as crianças a estabelecerem essas relações entre a leitura e as situações reais.

A leitura é uma prática que traz inúmeros benefícios à formação humana e quando estimulada desde a infância, os impactos positivos podem ser muito maiores. Estimular o hábito da leitura na escola é fundamental, pois acompanhará as crianças por toda a sua trajetória escolar, profissional e possivelmente por toda a sua vida.

Maria Helena Martins (2006) inicia seu livro **O que é leitura**, expressando que desde muito cedo aprendemos a “ler o mundo” através dos relacionamentos entre nós e os objetos, entre nós e as pessoas. Ela afirma que a leitura existe antes de entendermos os significados das palavras escritas; que primeiramente aprendemos a ler as expressões corporais, as emoções, nosso universo pessoal, social e cultural, estabelecendo relações

e resolvendo problemas. Também Paulo Freire, em sua palestra sobre a importância do ato de ler, corrobora essa visão de leitura, uma vez que “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (Freire, 1988, p. 9). O uso do livro informativo na escola pode ajudar as crianças a organizarem seus saberes e fazer as conexões necessárias para resolver as questões que vão surgindo em seu dia a dia, na jornada de descoberta do mundo ao seu redor.

Esse trabalho tem caráter bibliográfico e exploratório; investigamos a constituição dos livros informativos a partir das investigações da pesquisadora espanhola Ana Garralón (2015), no livro **Ler e saber: os livros informativos para crianças**. A pesquisa foi constituída por uma etapa de leitura, investigação e reflexão sobre o próprio gênero, o livro informativo. Posteriormente, a partir da exploração investigativa da obra de Ana Garralón, identificamos possíveis práticas de leitura no ambiente escolar e criamos um Produto Educacional para o trabalho de leitura na escola com o uso dos livros informativos.

Pretendemos, com este trabalho, contribuir para a formação de professores, sobretudo daqueles que desejam compreender o universo da literatura infantil como lugar de formação de leitores que extrapolam a leitura instrumental e a compreendem como forma de ação social, política e estética.

Compreender a composição, constituição e circulação dos livros informativos é um ponto importante para um trabalho consistente e planejado na escola e contribui com a formação de um leitor aberto à leitura de um mundo em constante transformação. Como nos mostra Garralón (2015), existem vários motivos para estimular as crianças a lerem os livros informativos; já que elas apresentam várias questões sobre a vida, a família, a escola, o corpo humano, a natureza, entre outros, e os livros podem ajudar a organizar essas informações.

Os livros informativos atuam com a informação em variadas áreas do conhecimento e contribuem com a divulgação científica, conforme é possível encontrar nos capítulos seguintes, colocando vários conhecimentos ao alcance do público não especialista. Isto é tornar compreensível e interessante, para determinado leitor, temas e questões relacionados à ciência e ao conhecimento.

Não é uma novidade que a leitura é uma temática relevante no espaço da escola, que ocupa lugar de destaque na formação de professores no meio acadêmico e que existe um número significativo de programas e projetos para incentivá-la. A busca por formar leitores, e não apenas decodificadores, é uma tarefa indiscutivelmente necessária e que, ao mirar a heterogeneidade do cotidiano escolar em nosso país, nos leva a concluir que ainda há muito para fazer. Além disso, justifica a natureza de um trabalho como este que realizamos.

Segundo Martins (2006), existem várias formas de pensar e conceber a leitura. É importante compreender, para além de uma visão restrita e até elitista, que a leitura se realiza pelo diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem ou um acontecimento. Dessa forma, para que a leitura não se resuma a uma atividade utilitarista, sendo um caminho apenas para ensinar conteúdos, treinar fluência linguística, ou na situação específica do texto literário, uma ação maçante em que o texto funciona como um “pretexto” para outras coisas, é importante não deixarmos de lado a ideia de que ler tem a ver com uma atitude socialmente localizada, por conseguinte, regulada e controlada. Deste modo, numa perspectiva discursiva, nos mostrando que a leitura pode ser um processo complexo, que envolve o momento histórico e mais habilidades que simplesmente conhecer a técnica de saber ler, nos ajuda Eni Orlandi (2008).

Para tratar sobre os livros informativos e os caminhos para a formação de leitores, dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro, apresentamos reflexões sobre a literatura infantil e a formação de leitores; o que é leitura, literatura infantil, letramento, letramento literário e o que nos dizem os documentos oficiais. Discutimos sobre o lugar da literatura infantil na escola e sua importância na formação de leitores críticos, a relação entre literatura e educação e a importância da leitura no processo de letramento.

No segundo capítulo, abordamos o livro ilustrado e o objeto de estudo: os livros informativos. Procuramos mostrar, mesmo que de forma introdutória, o que vem a ser o livro ilustrado, como eles se constituíram com o desenvolvimento de técnicas de imagem e como fazem o diálogo entre imagem e escrita, além do direcionamento a um público historicamente novo, a criança. Apresentamos ainda o que são livros informativos, como

é realizado seu processo gráfico e como a imagem e o designer são colocados a favor da leitura nesse gênero literário.

No terceiro capítulo, mostramos uma proposta de trabalho para a leitura não ficcional sobre os povos originários do Brasil. Nossa proposta é um guia de leitura para professores, utilizando um livro informativo que aborda a temática indígena.

1 A LITERATURA INFANTIL E A FORMAÇÃO DE LEITORES

O ensino da leitura pode, dependendo das circunstâncias pedagógicas, colocar a ênfase tanto na multiplicidade de sentidos quanto no sentido do dominante.

(Orlandi, 2008, p. 46)

Esse capítulo apresenta uma breve discussão a respeito da importância da leitura e da literatura infantil. Abordamos a constituição histórica e a influência da literatura infantil na formação do leitor. O processo de formação de leitores envolve uma transformação, no qual uma pessoa inicia seu acesso a novos conhecimentos em um mundo letrado, articulando esses novos conhecimentos aos demais conhecimentos culturais e sociais, fazendo novas conexões e descobertas. Dessa forma, o capítulo apresenta uma visão acerca do letramento literário e a forma como a leitura escolar é materializada nos documentos oficiais para a educação.

1.1 A leitura e a literatura infantil

A literatura infantil, historicamente, é um gênero situado entre o sistema literário e o sistema educacional, é o que argumenta Lúcia Cademartori (2010), bem como Lajolo e Zilberman (2007) ao relatarem a história desse gênero literário. Cademartori (2010) destaca que no sistema educacional a literatura infantil ocupa lugar de destaque, por contribuir significativamente com a formação de leitores, enquanto no sistema literário, por ser considerado pelos críticos literários uma literatura dependente da educação e, em alguns casos uma “literatura menor”, dificilmente se encontra nas listas de melhores livros ou nas obras consideradas mais importantes e representativas.

Apesar de ser um gênero recente, e por vezes ainda negligenciado, a consolidação do mercado de literatura infantil tem atraído autores do repertório adulto. No Brasil, autores consagrados da nossa literatura como Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Ferreira Gullar, Clarice Lispector, entre outros, contribuíram com a literatura infantil.

A literatura infantil tem como característica o fato de dirigir o texto de acordo com a faixa etária do leitor, o que requer atenção, cuidado e um certo talento do autor, já que

a forma de comunicação deve prever a competência de leitura que o provável leitor já alcançou, além de atender aos interesses e às expectativas dos pequenos leitores. Ela abarca várias modalidades e processos textuais, tanto verbais quanto visuais; pode se tratar de fantasia ou refletir temas sociais, pode ter a intenção de formação, apresentando conceitos e ideologias.

Para Cademartori (2010) uma literatura infantil que permite ao leitor uma ampla possibilidade de atribuição de sentidos ao texto lido, que estimula a criança a questionar, a brincar com a linguagem, que dá a oportunidade de se conversar a respeito de vários temas, é o tipo de obra infantil que respeita seu público.

Segundo Lajolo e Zilberman (2007), as primeiras obras destinadas ao público infantil surgiram por volta da primeira metade do século XVIII. Charles Perrault é o primeiro responsável por uma produção infantil, valorizando o conto de fadas, durante o classicismo francês. A expansão da literatura infantil se deu simultaneamente na França e na Inglaterra, sendo que na Inglaterra essa expansão é associada aos acontecimentos políticos, ideológicos, sociais e econômicos da época.

A revolução industrial iniciada no século XVIII trouxe consigo a expansão das cidades e a decadência do feudalismo. Essa urbanização se deu de modo desigual, causando diferenças sociais, e a burguesia nascente estimula do proletariado a “[...] um modo de vida mais doméstico e menos participativo publicamente” (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 16).

A família e a escola passam a ser instituições necessárias para a solidificação política e ideológica da burguesia, e a criança passa a ter um novo papel social, motivando o aparecimento de produtos destinados a essa faixa etária (brinquedos e livros), bem como novas áreas da ciência destinadas a ela (pedagogia, psicologia infantil, pediatria).

É nesse contexto que a literatura infantil é difundida, considerada mercadoria com um mercado consumidor em expansão. Para que a criança pudesse ter acesso à literatura, porém, era necessária a escolarização da criança, marcando laços entre a literatura infantil e a escola. Os autores precisam se submeter às pressões de cunho social e mercadológico; em contrapartida, a literatura infantil dispõe de grande liberdade

de imaginação e fantasia, sendo possível idealizar um mundo melhor. Assim também se dá a história desse gênero literário no Brasil.

Durante o século XIX foram observadas as obras que mais agradavam as crianças: histórias fantásticas, histórias de aventuras que acontecem em lugares exóticos como uma ilha ou um balão e livros que apresentam o cotidiano da criança, respondendo a questionamentos sobre o funcionamento das coisas ou a respeito da sociedade em que a criança está inserida. Lajolo e Zilberman (2007) afirmam que os autores da segunda metade do século XIX são responsáveis por dar fôlego à continuidade dos livros infantis, sendo que, quando se inicia a editar livros para as crianças no Brasil, a literatura infantil na Europa já possui um acervo sólido.

Com a modernização da imprensa e as facilidades tecnológicas, os livros infantis passaram cada vez mais a fazer a interação entre as linguagens visual e verbal, propiciando à criança experiências com os dois códigos, existindo na contemporaneidade livros só com imagens, livros com imagens e palavras e, cada vez mais raro, livros somente com palavras. O ilustrador é igualmente autor do livro infantil, sendo por vezes a mesma pessoa que ilustra e escreve o texto, como acontece nas obras de Eva Furnari, Roger Mello, Mariana Massarani e vários outros.

Assim, podemos compreender que a produção literária na contemporaneidade assumiu novas formas de se apresentar e a literatura tem sido ressignificada nessa sociedade cada vez mais multiletrada. Cabe aos educadores acompanharem essa ressignificação, sendo referência de leitor para seus alunos, ou seja, a escola e os professores devem estar preparados para formar leitores nesse contexto atual de multiletramentos. A respeito da função do educador, Martins (2006) argumenta:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta (Martins, 2006, p. 34).

Pensando um outro conceito relacionado, o de leitura, Martins (2006), por exemplo, nos apresenta duas concepções:

1. como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana); 2. como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológica) (Martins, 2006, p. 31).

A autora também defende que ambas são necessárias e que a leitura vai “[...] além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele” (Martins, 2006, p. 32), ou seja, a leitura acontece no diálogo do leitor com o texto lido. Para estabelecer esse diálogo do leitor com o texto lido e, conseqüentemente, entre o texto lido e a realidade que o cerca, os estudantes precisam ter acesso aos livros. A formação do leitor passa pelo manuseio do livro, pela observação do papel, das imagens, da capa, da diagramação, de todos os detalhes que formam aquele objeto e foram planejados para a experiência leitora.

A literatura infantil na escola proporciona a socialização e produção do conhecimento, além de permitir o acesso à fruição literária. É primordial que o estudante saiba se localizar nesse universo letrado, cujas informações são acessíveis de forma cada vez mais veloz. “É ponto indiscutível que os livros de literatura, no espaço escolar, conferem à criança uma multifacetada forma de acesso ao saber” (Paiva; Soares, 2008, p. 7).

Orlandi (2008) também apresenta várias formas de pensar a leitura, sendo em uma visão mais ampla, uma atribuição de sentidos em geral. No sentido acadêmico, a autora diz que leitura geralmente significa a construção de aparato teórico a respeito da leitura de determinado texto; já em sentido mais restrito, leitura é visualizada em termos de escolarização, sendo vinculada à alfabetização, adquirindo um caráter de aprendizagem formal somente.

Sobre o conceito de leitura e sua importância na escola para a formação de leitores, Orlandi (2008) delimita leitura como interpretação e compreensão. Para ela, leitura e escrita fazem parte do processo de atribuição de sentidos, e ambas podem ser trabalhadas na escola - não ensinadas; já que o leitor tem sua própria história e especificidades, determinando sentidos ao texto de acordo com sua história, ideologia,

época e segmento social. A leitura, para Orlandi (2008) é uma questão linguística, pedagógica e social.

Segundo Orlandi (2008), a relação se dá entre seres humanos - autor e leitor - mediada pelo texto. A leitura é o momento em que autor e leitor se encontram e há o processo de significação do texto; quando o leitor estabelece relações entre o que o texto diz, o que o texto não diz, e relaciona o que o texto diz com outros textos já lidos anteriormente.

Orlandi (2008, p. 12) esclarece que a atribuição de sentidos a um texto pode variar de forma ampla, desde o que a autora denomina leitura *parafrástica*, que seria o sentido do texto dado pelo autor, até o que ela denomina como leitura *polissêmica*, que seriam os múltiplos sentidos atribuídos ao texto de acordo com a realidade, a história, a época, enfim, o contexto dos leitores. “Assim, o(s) sentidos(s) de um texto está(ão) determinado(s) pela posição que ocupam aqueles que o produzem (os que o emitem e o leem)”.

Quanto à literatura infantil, assim como para os demais textos, a análise do discurso considera que a linguagem deve ser vista como interação, como um conhecimento que permite uma relação entre as pessoas e a sociedade em que elas vivem. Desse modo, o estudo da linguagem deve andar lado a lado com a cultura, com a sociedade que a produz, pois a “A forma dessa apropriação é social” (Orlandi, 2008, p. 19).

O professor, ao escolher uma literatura para ser lida com seus alunos, não deve, segundo Orlandi (2008), chegar com uma interpretação já esperada do texto, visto que cada aluno pode, de acordo com sua própria história leitora, chegar à sua interpretação. O aluno, o leitor, não deve apreender somente um sentido que está lá; ele atribui sentidos ao texto. O momento da leitura não deve ser somente de mera decodificação, mas de compreensão, reflexão e conexões, acontecendo ali a descoberta, a leitura nova, feita por cada aluno. Tudo isso amparado pela materialidade do texto. Resumidamente, a autora nos ensina que o texto não precisa ter apenas UM sentido, mas vários sentidos possíveis e isso não é igual a QUALQUER sentido, mas somente aqueles que são sustentados pelo próprio texto.

Orlandi (2008) afirma que cada leitura tem uma história e que o mesmo texto, lido em épocas diferentes, permite interpretações diferentes. Ela afirma que até mesmo o mesmo leitor, lendo o mesmo texto em épocas e condições diferentes, pode fazer outra leitura. Portanto, o conjunto de leituras feitas por determinado leitor, compõem a história de leitura desse leitor.

Na escola, o professor, através de seu trabalho pedagógico, é o responsável por determinar quais as leituras são ideais para sua turma, propiciando as condições de produção de leitura de seu aluno, deixando que construa sua própria história de leituras e ajudando a resgatar as leituras anteriores, para que seus alunos estabeleçam as relações intertextuais necessárias. Isso corrobora o que nos ensina Paiva e Soares (2008, n.p.), pois “um livro mal indicado pode causar estragos numa criança em fase de partir para a encantadora aventura das páginas impressas.”

Ressaltamos que Orlandi (2008) também chama a atenção para o fato de que a escola, por vezes, exclui a relação do sujeito-leitor (estudante) com outras linguagens não verbais como a música, a pintura, o cinema, os jogos virtuais, entre outras, reduzindo a leitura apenas à linguagem verbal. A relação do leitor com as demais linguagens é importante para a construção da história de leituras, de forma que o estudante possa fazer diversas conexões entre o texto e os demais conhecimentos.

A falta do hábito de leitura no Brasil reflete a precariedade de condições socioeconômicas da maioria da população, sendo necessário, então, que os educadores ampliem a visão de leitura, tratando como um processo dinâmico que envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, culturais, econômicos e políticos, visto que a maioria dos brasileiros tem contato com os livros somente na escola. Segundo Amorim *et al.* (2022), o brasileiro ainda lê muito pouco, menos de três livros ao ano, apesar dos diversos tipos de literatura e alternativas de consumo.

Para Martins (2006), as pessoas que são carentes de convívio social e relações humanas, tendo condições de sobrevivência material e cultural precárias, possuem pouca expectativa para o futuro e tendem a ler de forma estrangida. A autora argumenta que a aprendizagem da escrita e da leitura traz uma responsabilidade e autonomia para a pessoa, pode ser interesse das minorias dominantes, que essas pessoas carentes não possuam tais perspectivas.

Entretanto, acesso aos bens culturais, bem como à fruição literária é um direito inalienável que nos permite o direito pleno à democracia, visto que através da literatura o ser humano se expressa, dá significado aos sentimentos, se socializa, se humaniza. Antônio Candido (2011) afirma que o acesso à literatura é um direito humano e que não há povo, não há indivíduo que possa viver sem ela, sendo um fator indispensável de humanização. “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as sociedades e em todos os níveis é um direito inalienável” (Cândido, 2011, p. 193).

Por fim, podemos compreender que, se tratando de literatura infantil e de crianças que ainda estão aprendendo a ler, a primeira leitura acontece através dos sentidos, a criança desperta a curiosidade e sente o prazer na leitura através da forma, das cores, do cheiro, da textura e até mesmo dos sons que podem ser encontrados no livro. O livro com suas imagens coloridas (ou não) podem produzir um encantamento e atrair as crianças a descobrir esse objeto. Esse contato estimula a criança no processo de alfabetização, com o interesse de obter a autonomia de decifrar sozinha esse mundo de possibilidades.

1.1.2 As formas de ler como uma prática

A formação de leitores é um desafio e essa tarefa tem sido bastante discutida por profissionais da educação, visto que a maioria desses profissionais concorda ser essa uma função fundamental da escola, como afirmam Baroukh e Carvalho (2022). Essa formação implica em oferecer condições para que o sujeito compreenda a função social dos textos e forme uma opinião sobre aquilo que lê.

A escola deve se posicionar como ambiente alfabetizador, apresentar textos significativos, com pluralidade de experiências textuais, reflexões sobre a situação comunicativa, ampliar o conhecimento da língua e o desejo de ler e escrever, refletir sobre os aspectos normativos e discursivos. Promover a mediação entre leitura, oralidade, produção textual e reflexão linguística. O professor deve fazer a mediação entre o que se quer dizer, como dizer, para quem dizer, trabalhando os aspectos genéricos, linguísticos e enciclopédicos (Martins, 2006).

Na escola há circulação de vários tipos de textos: ficção, livros didáticos, textos científicos, poesia. Ao entrar em contato com os diversos tipos e gêneros literários que circulam na escola, o leitor interage com essa literatura, que o faz pensar sobre si, sua vida, seus relacionamentos e, quanto mais amplo esse contato com diversos textos, maior é a capacidade de fazer analogias e estabelecer relações, fazendo uma “leitura do mundo” e compreendendo melhor a sociedade onde vive e as pessoas com quem interage.

Baroukh e Carvalho (2022) argumentam sobre os propósitos leitores e nos mostram que, diferentemente do que crê o senso comum,

Não lemos todos os textos da mesma maneira e nem com os mesmos propósitos. Pode-se ler para estudar, por exemplo, como acontece com textos informativos e científicos; ler para se divertir ou para se emocionar, como costuma acontecer com a leitura de ficção ou de poesia; ler para se informar, como se faz com textos jornalísticos; ler para dramatizar, caso dos roteiros de teatro e cinema. *Na tarefa de formar leitores, precisamos dar conta desses propósitos, que devem fazer parte do cotidiano escolar de maneira contextualizada e com sentido* (Baroukh; Carvalho, 2022, p. 14, grifo nosso).

Assim como existe uma variedade de títulos circulando na escola e uma variedade de propósitos, existe uma variedade de leitores e “Cada leitor tem o direito de se encantar e escolher seus gêneros e autores” (Baroukh; Carvalho, 2022, p. 17). A seleção de livros a ser apresentada às crianças, com acesso a textos, ilustrações e informações de qualidade, é uma tarefa importante da escola, já que os novos leitores precisam conhecer para escolher.

Baroukh e Carvalho (2022) compartilham em seu livro as experiências que viveram como professoras e como formadoras de professores a respeito de leitura literária; sendo que nesse trabalho de formação, dialogaram com inúmeros professores a respeito desse tema e, nessa troca, perceberam que grande parte dos professores entendem a importância da literatura na escola, mas que na prática, muitos desses professores não são leitores e, apesar do desejo de formar alunos leitores, não possuem referências de como agir em sua prática pedagógica, permanecendo em práticas antigas, quando ler se tratava apenas de um trabalho mecânico de decifração de um código, desligado da vida

real e dos sentimentos. As autoras afirmam que é necessário que os professores se aventurem em práticas desconhecidas, criando estratégias na formação de leitores autônomos e críticos.

Percebemos que leitura é uma prática que traz inúmeros benefícios aos leitores e quando estimulada desde a infância, os impactos positivos podem ser muito maiores. Através da leitura as crianças desenvolvem a concentração, a memória, ampliam o vocabulário e a linguagem oral e sua capacidade criativa. A leitura estimula o raciocínio lógico, melhora a capacidade interpretativa, a imaginação, o senso crítico e a habilidade na escrita.

Pesquisas do psicólogo Lev Vigotski (1998) demonstram que o aprendizado da linguagem escrita traz um salto no desenvolvimento da pessoa, sendo um “divisor de águas” em relação à forma de pensar, aproximando o sujeito de tudo o que já foi produzido pela cultura humana:

[...] a linguagem escrita é um sistema particular de símbolos e signos cuja dominação prenuncia um ponto crítico em todo o desenvolvimento da criança. Um aspecto desse sistema é que ele constitui um simbolismo de segunda ordem que, gradualmente, torna-se um simbolismo direto (Vigotski, 1998, p.140).

Dessa maneira, podemos vislumbrar que o hábito de leitura de livros informativos pode despertar a curiosidade para aprender coisas novas e a forma de funcionamento das coisas e da sociedade, aumentando o campo de conhecimento sobre variados assuntos e a forma de ver e sentir o mundo, dando aos sujeitos a oportunidade de acessar informações que eles não conhecem e ampliando sua leitura de mundo.

Estimular o hábito da leitura na escola é fundamental, pois acompanhará as crianças por toda a sua trajetória escolar, profissional e possivelmente por toda a sua vida, para estimular esse hábito, é necessária a implementação de uma transformação nas práticas de leitura literária na escola.

1.2 A formação do leitor e os documentos oficiais

A concepção de infância como conhecemos hoje, de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessidade de formação escolar só passou a existir em meio à Idade Moderna. A literatura infantil e a escola são nesse período, instrumentos para manter vigente a ideologia burguesa, comprometidas com a dominação e manipulação das crianças, reforçando sua dependência e fazendo com que aceitem as normas impostas. Zilberman (2006) afirma que nesse novo contexto social, a escola detém o papel de preparar a criança para entrar na vida adulta e protegê-la das agressões do mundo exterior.

Essa aproximação entre a literatura infantil e o ensino acabou fazendo com que a literatura infantil fosse desprestigiada como arte literária, já que muitos consideravam que esses textos eram criados apenas com intenções pedagógicas. Ao mesmo tempo, a escola foi e continua sendo um espaço privilegiado para o desenvolvimento do leitor e o gosto pela leitura. Zilberman (2006) argumenta que é essencial considerar essa relação para o entendimento da literatura para crianças:

Revela-se imprescindível e vital um redimensionamento de tais relações, de modo que eventualmente transforme a literatura infantil no ponto de partida para um novo e saudável diálogo entre o livro e seu destinatário mirim (Zilberman, 2006, n. p.).

Considerando que escola e literatura infantil foram utilizadas como meio de doutrinar as crianças, esses mesmos instrumentos são aqueles capazes de emancipar esses sujeitos, colocando a criança como sujeito ativo, sendo necessário o apoio de adultos que tenham interesse em transformar a escola em um espaço onde a criança seja capaz de refletir sobre sua condição pessoal e social. O professor, pela escolha do livro infantil e adequação deste ao leitor, pode romper as barreiras impostas. Segundo Zilberman (2006), geralmente o professor escolhe o texto de acordo com um padrão culto, com foco na gramática, pedindo aos alunos, por exemplo, para sublinhar os adjetivos ou circular os verbos do texto.

Na escola muitas vezes a leitura é utilitarista e o texto é escolhido com a finalidade de ensinar conteúdos escolares, treinar a fluência em leitura ou para repassar algum conteúdo moral, sem preocupação com a formação leitora e apresentando uma única

interpretação, o que desconsidera a relação entre o texto e seu leitor; sendo realizada através de práticas de leitura literária entediadas e distantes das práticas sociais. Zilberman (2006) se contrapõe a essa seleção de textos, que não se adequa ao leitor e não valoriza a obra literária:

O professor que se vale do livro para a veiculação de regras gramaticais ou normas de obediência e bom comportamento oscilará da obra escrita de acordo com um padrão culto, mas adulto, àquela criação que tem índole edificante. Todavia, é necessário que o valor por excelência a guiar esta seleção se relacione à qualidade estética. Porque a literatura infantil atinge o estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores; e não é porque estes ainda não alcançaram o status de adultos que merecem uma produção literária menor (Zilberman, 2006, n.p.).

A literatura infantil é arte quando apresenta textos de valor artístico, manifestando uma visão da realidade na qual o leitor está inserido, porém desconhecida, assim a obra oferece ao leitor uma realidade da qual faz parte, mas implica em amplificação de horizontes, oferecendo uma consciência do real e solicitando um posicionamento perante essa realidade. Zilberman (2006) alerta que quando não há observação do devido diálogo entre a obra e o leitor, podem ocorrer algumas consequências, como o professor utilizar o livro infantil na sala de aula exigindo preenchimento de fichas de leituras que já possuem uma resposta certa, ignorando as múltiplas visões que o texto pode sugerir, de acordo com as interpretações pessoais resultante do universo de cada aluno.

Discutiremos, então, o que alguns documentos oficiais norteadores das práticas docentes na educação básica apresentam a respeito da formação do leitor e da literatura na escola e como estes podem auxiliar o professor na utilização da literatura infantil como elemento para uma emancipação pessoal, finalidade da educação.

A Constituição Federal de 1988 (doravante CF 88), em seu Artigo 205, reconhece a educação como direito fundamental, sendo dever compartilhado entre Estado, família e sociedade a garantia a esse direito (Brasil, 1988). A CF 88 garante ainda que a educação será promovida e incentivada visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Entendemos que a literatura na escola está no caminho do que apresenta a Carta Constitucional, quando utilizada para garantir o pleno desenvolvimento das crianças e seu preparo para o exercício da cidadania e do trabalho, estimulando sua leitura crítica dos textos e do mundo, ampliando seu acesso ao conhecimento e iniciando-a no mundo letrado em que está inserida.

No Artigo 210, a CF 88 recomenda que sejam “fixados conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais” (Brasil, 1988). A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ¹traz para os educadores esse conjunto de conteúdos que devem ser trabalhados no ensino básico e é definida como:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (Brasil, 2018, p. 7).

Para a Educação Infantil, a BNCC no campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, traz a necessidade da imersão das crianças na cultura escrita, estimulando a criatividade e imaginação:

As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros (Brasil, 2018, p. 42).

Já para o Ensino Fundamental, a BNCC indica que:

¹ Compreendemos que o referido documento traz uma carga política e ideológica de disputa histórica e, por motivos da natureza e proposta desta pesquisa, não enfrentaremos tal debate, mas reconhecemos esta face da questão.

Nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental, a ação pedagógica deve ter como foco a alfabetização, a fim de garantir amplas oportunidades para que os alunos se apropriem do sistema de escrita alfabética de modo articulado ao desenvolvimento de outras habilidades de leitura e de escrita e ao seu envolvimento em práticas diversificadas de letramentos (Brasil, 2018, p. 59).

O componente Língua Portuguesa da BNCC se fundamenta em conceitos de outros documentos e orientações curriculares como práticas de linguagem, discurso e gêneros discursivos/gêneros textuais, esferas/campos de circulação dos discursos:

Na esteira do que foi proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o texto ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem. Os conhecimentos sobre os gêneros, sobre os textos, sobre a língua, sobre a norma-padrão, sobre as diferentes linguagens (semioses) devem ser mobilizados em favor do desenvolvimento das capacidades de leitura, produção e tratamento das linguagens, que, por sua vez, devem estar a serviço da ampliação das possibilidades de participação em práticas de diferentes esferas/ campos de atividades humanas (Brasil, 2018, p. 67).

A BNCC, porém, não discute explicitamente o conceito de letramentos, ou letramento literário e trata de termos relacionados apenas à leitura literária, não trazendo, entretanto, uma definição ou explicação sobre o conceito do termo (Brasil, 2018). Ao considerar os multiletramentos é necessário que a escola promova diferentes tipos de letramentos para atender às demandas da sociedade, desenvolvendo habilidades complexas de leitura, escrita, pesquisa e comunicação. Em um mundo multilíngue e multicultural os letramentos devem ser processos contínuos e emancipatórios.

Embora a BNCC não traga esse aprofundamento teórico, “[...] ela apresenta habilidades que vão nortear diretamente as tarefas docentes” (Amorim *et al.*, 2022, p. 45), como se o docente já conhecesse profundamente a teoria a respeito da literatura e seu uso na escola.

Como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) influenciaram a BNCC, discutiremos os volumes da área de Língua Portuguesa do ensino fundamental. Em sua apresentação, o PCN de Língua Portuguesa nos diz que:

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (Brasil, 1997, p. 15).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) confirmam a necessidade da leitura e escrita como formas de comunicação e defesa da cidadania e reafirmam a responsabilidade da escola nessa formação. Afirmam que cabe à escola promover a ampliação do letramento, sendo que ao final do ensino fundamental, cada aluno deve ser capaz de interpretar diferentes textos que circulam socialmente e produzir textos nas mais variadas situações.

Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997, p. 29), “É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento”. Recomenda-se a análise e reflexão sobre a língua, tendo o texto como centro para essa reflexão, com o objetivo de que, ao final do ensino fundamental, o estudante seja capaz de ler e escrever de acordo com as situações sociais. Finalmente, os PCN recomendam o contato com adultos leitores e com diversos tipos e gêneros textuais para a formação de leitores competentes:

É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes (Brasil, 1997, p. 42).

Observamos que os documentos oficiais norteadores da educação e do ensino de língua portuguesa valorizam e recomendam a leitura, porém não se aprofundam quanto ao que é literatura, letramento e leitura literária. Ainda assim, políticas públicas vêm avançando no fomento à leitura com vários programas e ações governamentais desde os anos 1980 (Baroukh e Carvalho, 2022). Entretanto, parece que ainda estamos longe de pensar em uma prática concreta de currículo literário.

O histórico do investimento governamental na leitura na escola se inicia com o programa Salas de Leitura (anos 1980), Programa Nacional de Incentivo à Leitura (*Proler* - 1992), Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE -1997), Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL - 2006), Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC - 2012), entre outros planos federais, estaduais e municipais que contribuem com a construção de salas de leitura e bibliotecas escolares.

Baroukh e Carvalho (2022) afirmam que embora os educadores entendam a necessidade de formação de leitores literários pela escola e tentem acertar, observaram que a prática costuma ser bem diferente e alguns educadores precisam percorrer um longo caminho para aplicar práticas eficazes na formação de leitores críticos. Uma vez que:

A grande maioria dos professores que conhecemos costuma buscar indicadores visíveis para a avaliação do encontro do aluno leitor com a literatura: a fluência da leitura em voz alta, a compreensão do conteúdo da história (muitas vezes, considerando apenas um ponto de vista), seja por meio do desenho, da dramatização ou da escrita ou ainda da famigerada “prova do livro”. Mas esses indicadores não dão conta da complexidade das relações que se estabelecem durante a leitura literária (Baroukh e Carvalho, 2022, p. 22).

Apesar de a documentação oficial apresentar a importância da Biblioteca na escola, da leitura de diferentes gêneros e tipos textuais com os alunos, da necessidade de que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, o que pude observar em meus estágios durante a graduação, é que as Bibliotecas são trancadas e pouco utilizadas nas escolas, os livros literários disponíveis nas bibliotecas escolares geralmente não circulam nas mãos dos alunos por medo de que estraguem e poucos professores conseguem incorporar a literatura em suas práticas cotidianas.

Quanto ao estudo da cultura indígena, tema do livro informativo escolhido para ser a temática principal de nossa proposta de Produto Educacional, a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 (Brasil, 2008), alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a

obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. A partir desta alteração tornou-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados no Brasil.

Desde 2008, quando a Lei 11.645 foi sancionada, e o estudo da história e da cultura dos povos indígenas se tornou obrigatório nas escolas, ainda há dificuldade para o tema estar realmente inserido no trabalho pedagógico das salas de aula, afastado de visões rasas, estereotipadas e fruto, sobretudo, das lentes da cultura “branca”. Percebi durante os estágios na graduação, nos livros didáticos e na prática pedagógica, algumas organizações de práticas no sentido de tentar fazer essa adequação no currículo, mas ainda é um espaço pequeno e algumas vezes estereotipado; o assunto acaba sendo abordado apenas em projetos ou no mês de abril, em comemoração ao “Dia do Índio”.

1.3 Leitura, letramento e letramento literário

Nossa sociedade, cada vez mais letrada, tem demonstrado interesse frequente na alfabetização, na formação de leitores e na literatura na escola, como observamos na legislação para a educação. Uma formação de leitores, porém, oferecendo condições ao sujeito para escolher com autonomia suas leituras, compreender a função social de cada texto e formar uma opinião sobre aquilo que lê, estabelecendo ligações entre textos de diversas fontes, em outras palavras, um aprendizado crítico da leitura, muito além de juntar letras, sílabas e palavras, faz parte de uma educação que rompe com uma leitura utilitarista e instrumental que, por vezes, é utilizada em nossas escolas.

Na literatura infantil, há o encontro do verbal e o não verbal, diálogos e figuras, discurso e imagem, e é necessário dialogar com essa literatura durante o processo de alfabetização e letramento das crianças. Magda Soares (2012), reconhecida no Brasil como uma das principais estudiosas dos letramentos, afirma que os letramentos são o resultado de um processo “da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter se apropriado da escrita” (Soares, 2012, p. 18). A autora reforça que o texto deve ser o centro do processo de alfabetização e letramento na escola.

O termo letramento vem do vocábulo da língua inglesa, *literacy*, que significa a habilidade de ler e escrever ou conhecimento de uma disciplina particular. Vários autores como Magda Soares, Rildo Cosson, entre outros, que estudam o letramento e tentarem definir seu significado, concordam que ser letrado envolve um desenvolvimento crítico do indivíduo, que propicie a ele desenhar seu futuro social. Segundo Amorim, et al. (2022), pesquisadores de letramentos consideram necessário pensar em três dimensões na formação do aluno: diversidade produtiva (trabalho), pluralismo cívico (cidadania) e identidades multifacetadas (âmbito da vida social).

Segundo Soares (2002), novas práticas sociais de leitura e escrita vêm sendo introduzidas na sociedade contemporânea e, considerando as diferenças relacionadas ao espaço da escrita e mecanismos de produção, reprodução e difusão da escrita, cada tecnologia tem efeitos sociais, cognitivos e discursivos, resultando em diferentes modalidades de letramento. O letramento, para Soares (2002), seria então “[...] a ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e de escrita, para além do apenas ensinar a ler e escrever, do alfabetizar” (Soares, 2002, p. 146) e essas novas práticas sugerem vários tipos de letramentos e multiletramentos.

Conforme Soares (2002), a pedagogia dos multiletramentos e os novos modelos de letramentos se baseiam na realidade do mundo contemporâneo em mudanças constantes e processos de transformação devido às tecnologias de comunicação. A pedagogia dos multiletramentos reconhece a pluralidade linguística, cultural e a diversidade de textos do mundo contemporâneo, entendendo que o letramento literário deve preparar o aluno para ser um cidadão flexível, desenvolvendo habilidades de se expressar em diferentes contextos e buscando a integração, através da diversidade.

Através dos multiletramentos podemos promover a legitimação de novas formas de fruição literária. É possível estabelecer relações entre gêneros que circulam em suporte tradicional e na *web*. Podemos analisar os modos de hibridização de gêneros e estilos na contemporaneidade, além de compreender as novas relações de autoria, ter acesso a releituras por meio de diferentes textos e suportes (*sites, blogs, Youtube, Instagram*) e tornar o leitor capaz de se apropriar dessas práticas de multiletramentos.

Cosson (2021) apresenta o letramento como a apropriação da escrita e das práticas sociais que estão relacionadas a ela. Ele relata que há vários níveis e diferentes tipos de

letramento e que, em uma sociedade altamente letrada como a nossa, até mesmo um analfabeto tem participação em algum tipo de letramento. O letramento literário é conceituado por ele como um “[...] processo [...] que se faz via textos literários e que compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também, e sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio” (Cosson, 2021, p. 12).

A escrita é uma via que tem permitido os registros e a transmissão de valores, sentimentos, saberes e demais contextos da vida social. É um instrumento de libertação e cultura humana. A literatura é um modo próprio de linguagem que contém essas informações sobre o homem e o mundo, é onde podemos encontrar o senso de nós mesmos e da sociedade a que fazemos parte. Cosson nos revela que:

Essa primazia da escrita se dá porque é por meio dela que armazenamos nossos saberes, organizamos nossa sociedade e nos libertamos dos limites impostos pelo tempo e espaço. A escrita é, assim, um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano (Cosson, 2021, p. 16).

Quanto ao letramento literário escolar, a literatura no ensino fundamental das escolas brasileiras tem a função de formação do leitor, conforme discutido amplamente nos documentos oficiais. “[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola” (Cosson, 2021, p. 23). Em outras palavras, a literatura na escola deve ser ensinada para garantir a construção e reconstrução da palavra que nos humaniza; rompendo o ciclo da reprodução e permitindo que a leitura literária seja realizada com prazer e com o compromisso do conhecimento. O letramento literário é responsabilidade da escola, cabendo ao professor encontrar uma maneira de ensinar que “[...] coloque como centro das práticas literárias na escola a leitura efetiva dos textos” (Cosson, 2021, p. 26).

Cosson (2021) nos apresenta algumas pressuposições sobre leitura e literatura presentes no senso comum que acabam adentrando a escola. São eles: os livros falam por si mesmos ao leitor; ler é um ato solitário; é impossível expressar o que sentimos na leitura dos textos literários e que a leitura literária praticada na escola destruiria a mágica da obra. O autor, no entanto, desmistifica essa ideia, afirmando que nossa leitura e

interpretação dependem da forma como fomos ensinados a ler na escola e por isso a “leitura literária na escola visa mais que simplesmente ao entretenimento que a leitura de fruição proporciona” (Cosson, 2021, p. 26).

Assim como Cosson (2021), Baroukh e Carvalho (2018) apresentam oito mitos escolares sobre a leitura literária:

1. para crianças pequenas é melhor contar do que ler histórias;
2. livro na mão do aluno some ou estraga;
3. na educação infantil é preciso escolher livros fáceis;
4. é preciso poupar as crianças dos horrores do mundo;
5. livro bem colorido é o que as crianças gostam;
6. conversar é pouco e sempre é preciso fazer uma atividade sobre o livro;
7. na escola só o professor escolhe a leitura e
8. ler é sempre prazeroso.

As autoras desmistificam essas ideias que ainda estão enraizadas no imaginário educativo, demonstrando que não existe uma resposta única e que cada professor precisa utilizar práticas literárias de acordo com o seu grupo de alunos.

Cosson (2021) argumenta que não se nasce sabendo ler literatura, é na escola que deve ser realizado esse processo de aprendizado em que a análise literária bem realizada permite ao leitor se aprofundar na literatura, se envolver no mundo feito de palavras e explorar as potencialidades de cada tipo de texto. O letramento literário é importante para que o leitor ultrapasse uma leitura simples, e consiga fazer conexões, fornecendo os instrumentos para articular texto e contexto. Um exemplo dessa afirmação é descrito no artigo: “Do que aconteceu com a Catalina e do danoso e grande escrutínio ao mediador de leitura” (Munita, 2019).

O artigo de Felipe Munita (2019) nos conta um fato ocorrido com Catalina, aluna da quinta série em uma escola rural na província de Valdivia no Chile. O professor trouxe o livro **Vozes no Parque**² para ser trabalhado em sala de aula e Catalina disse em voz alta que já tinha visto esse livro na Biblioteca da escola e que ele era muito chato. O



² Para conhecer a história, aponte a câmera para o QR code.

professor pediu uma chance para Catalina e continuou com seu trabalho planejado para a leitura literária. Após as aulas em que a literatura foi trabalhada, Catalina disse ao professor que agora achava o livro divertido, com ilustrações bacanas que a levavam a imaginar. Catalina até pegou novamente o livro emprestado na Biblioteca da escola e expôs um cartaz na escola colocando-o como seu livro preferido. Qual o motivo dessa mudança radical? Entendemos que essa transformação foi devido à ajuda e acompanhamento do professor no processo de leitura e discussão da obra, mostrando a Catalina e aos demais alunos as relações entre texto e imagens, a simbologia das ilustrações, as características dos personagens, os aspectos gráficos do livro como a tipografia, as cores, o design, capa, contracapa, entre outros aspectos que as crianças não tinham ainda a conhecimento para entender sozinhas.

Os livros disponíveis nas escolas geralmente devem ser aprovados por programas governamentais que determinam a seleção de acordo com fins educacionais e depois de acordo com a faixa etária ou série escolar, porém a seleção determinante vem do hábito de leitura do professor, que costuma entregar para os alunos os livros que já leu ou gosta de ler. A apropriação da cultura escrita e o prazer da leitura implicam processos de mediação, socialização e familiarização dos alunos com a cultura escrita e a leitura; esse prazer é um fenômeno culturalmente construído pelas vivências familiares, escolares e sociais em geral.

O ato de ler, mesmo sendo realizado individualmente, é uma atividade social e a análise literária realizada na escola deveria convidar o leitor a penetrar na obra, sendo dever do professor explorar o máximo possível o que essa leitura pode proporcionar. O professor deve avaliar através das suas observações e dos registros realizados, os avanços e o engajamento dos estudantes nas práticas de leitura, partindo então do interesse dos alunos e de seu conhecimento prévio para a seleção literária e as práticas de leitura, aumentando o repertório do aluno e progressivamente levando leituras mais complexas.

Por essa razão, o próprio livro como objeto também deve ser pensando e considerado no processo de seleção literária. No próximo capítulo teremos a oportunidade

de pensar um pouco mais sobre a história e a construção do livro ilustrado e do livro informativo.

2 O LIVRO ILUSTRADO E O LIVRO INFORMATIVO: relações de leitura

Olhar é forma de perceber, mas não se trata do gesto maquinal de colocar os olhos em algo rapidamente. Refere-se ao ato de, a partir dos olhos, examinar, avaliar, correlacionar, pensar o que está sendo visto. Olhar, portanto, é uma soma que inclui o físico, o psicológico, a percepção e a criação.

(Ramos, 2013, p. 34)

Esse capítulo traz um breve histórico sobre o livro ilustrado, em especial a ilustração no livro infantil; além de um percurso sobre os livros informativos. Os livros informativos são também chamados de paradidáticos, são livros de não ficção com a função de transmitir conhecimento e que podem auxiliar os professores na abordagem de temas diversos, incluindo aqueles mais complexos. Finalizando o capítulo, abordamos o *design*, esse elemento que se torna cada vez mais aliado da leitura e essencial na formação dos novos leitores.

2.1. A história do livro ilustrado

O encantamento das crianças pelas imagens é fato observado por pais e professores e a ilustração nos livros infantis pode ser a iniciação da visualidade da criança, talvez, seu primeiro contato com as artes visuais. Crianças são leitoras de imagens, imagens estas que exercem um poder encantador assim que a criança abre o livro e começa a folheá-lo; as imagens têm o papel de educar o olhar, de ampliar o repertório visual e contribuir na formação de um leitor crítico (Ramos, 2013).

Tendo toda essa atenção das crianças, a produção constituída por expressão pictórica e verbal se tornou “[...]relevante na análise das obras de literatura infantil

inscritas no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE/2008)” (MACIEL, 2008, p. 80). A autora relata que os avaliadores verificam os aspectos plásticos e estilísticos das imagens, além de analisar o quanto as imagens compõem a obra, se dialogam com o texto ou o complementam e como o pequeno leitor pode interagir com elas, ampliando sua competência leitora. Nos livros infantis, segundo a autora, predominam as representações realistas (mais próxima da realidade, com o máximo de informações sobre a realidade) e as caricaturas.

Para entender o quanto as imagens dialogam com o texto, devemos considerar a diferença entre livro com ilustração e livro ilustrado. O livro com ilustração é aquele em que o texto é completo, existe de forma independente, e a imagem somente enriquece a leitura, é uma complementação, mas não é imprescindível. Geralmente no livro com ilustração, as imagens apenas repetem o que já está escrito. A maioria dos livros infantis clássicos são livros com ilustração, e cada ilustrador pode refazer as imagens, sem alteração da história (Fleck; Cunha; Caldin, 2016).

O livro ilustrado, por sua vez, combina os dois níveis de comunicação: visual e verbal. Nele não há hierarquização entre texto e imagem, escritor e ilustrador são autores do texto e a leitura necessita de apreensão do que está escrito e desenhado. O livro ilustrado, chamado de *livre d'images* na França, *álbum ilustrado* em Portugal e *picturebook* ou *picture-book* na Inglaterra e Estados Unidos, também é chamado no Brasil de foto livro, livro álbum, livro fotográfico ou livro imagem devido à influência desses países (Linden, 2011). Ramos afirma que “É o fato de ser feito com uma sequência de imagens de caráter “essencial” que caracteriza o *picturebook* ou livro-álbum” (Ramos, 2013, p. 85).

Ramos apresenta ainda alguns fatores que possibilitaram o fortalecimento da presença de imagens nos livros voltados às crianças no Brasil:

Destacam-se entre eles: o aumento da escolarização, o aperfeiçoamento das técnicas gráficas, as mudanças sociais que valorizaram o papel da infância, com o incentivo ao desenvolvimento de produtos voltados para os pequeninos. E, talvez o mais importante, o surgimento de estudos que demonstram a importância das ilustrações no fomento à formação de novos leitores. Ao estimular a fantasia, as imagens se transformam em

elemento fundamental para a fruição da leitura e contribuem para o processo de alfabetização. (Ramos, 2013, p. 28)

Segundo Ramos (2013), em 1658, Comenius, considerado o pai da Pedagogia, atribuiu às imagens uma função maior que simples ornamentação, afirmando em sua obra **Orbis sensualium pictos**³, traduzido como “O mundo em imagens”, que as ilustrações são a melhor forma de assimilação para crianças. Esse livro foi impresso utilizando a técnica de xilogravura, técnica que, de acordo com Linden (2011), foi a única que permitia imprimir livros com imagens até o final do século XVIII.

Lajolo e Zilberman (2007) afirmam que dos grandes sucessos da literatura voltada a crianças do século XVIII, poucos permaneceram, mas alguns autores como Perrault (França - 1697) com seus contos de fadas, Daniel Defoe (Inglaterra - 1719) com **Robinson Crusoé** e Jonathan Swift com **Viagens de Gulliver** (Inglaterra - 1726), asseguraram o consumo e criação dessas obras. No início do século XIX são publicados os contos de fadas dos irmãos Grimm, em 1812, na Alemanha, agradando aos pequenos.

A xilogravura apresentava traços grossos e a impressão de texto e imagens deveriam ser realizados separados, com toda essa dificuldade de impressão, as primeiras publicações de livros para crianças continham poucas imagens e, durante a primeira metade do século XIX, predominava o livro ilustrado com poucas imagens em páginas isoladas, que repetiam/confirmavam o que estava descrito no texto. Ramos (2013) nos alerta que “Em épocas anteriores, ainda que comparativamente as palavras ocupassem um espaço pequeno no interior do livro, as ilustrações causavam efeitos potentes” (Ramos, 2013, p. 55).

Linden (2011), afirma que diversas inovações técnicas favoreceram a evolução das imagens nos livros: a xilografia, desenvolvida pelo inglês Thomas Bewick nos anos de 1770; a litografia, desenvolvida na França por Aloysius Senefelder no final do século XVIII, e utilizada por Rodolphe Topffer em Genebra e Heinrich Hoffman na Alemanha, e o uso do estêncil, em meados de 1800. Ramos (2013) acrescenta a criação da técnica de cromolitografia, em 1837, permitindo o uso da cor e a consolidação da fotografia, em

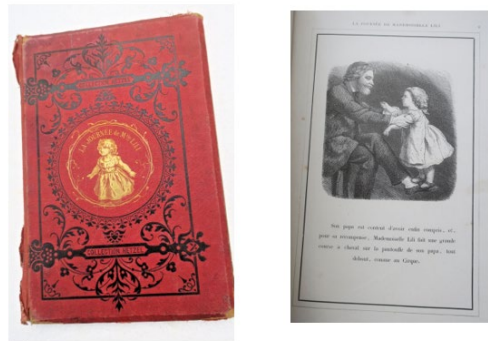
³ Parte do livro pode ser visto no endereço: <<http://imaginarymuseum.org/OPR/OPRWAAGE.HTM>

1839, que inspirou construções futuras de vários ilustradores, já que estabelecia uma sequência de imagens que transmitiam a ideia de movimentos.

Ramos (2013) apresenta o final do século XIX como o período de ouro da ilustração, sendo que várias obras clássicas nascem nesse período. A autora destaca a obra inglesa de Lewis Carroll, **Alice no país das Maravilhas**, publicada em 1865, com ilustrações em preto e branco, que agora pode ser encontrada até mesmo em modelo 3D ou *pop-up*.

O desenvolvimento dos métodos de impressão possibilitou que obras reunissem texto e imagem na mesma página e essa combinação possibilitou a publicação de obras francesas concebidas em especial para o público infantil em 1862, os livros ilustrados que deram origem à **La Journée de Mademoiselle Lili**, ilustrados por Lorentz Frolich, de autoria de Stahl - pseudônimo de Hetzel.

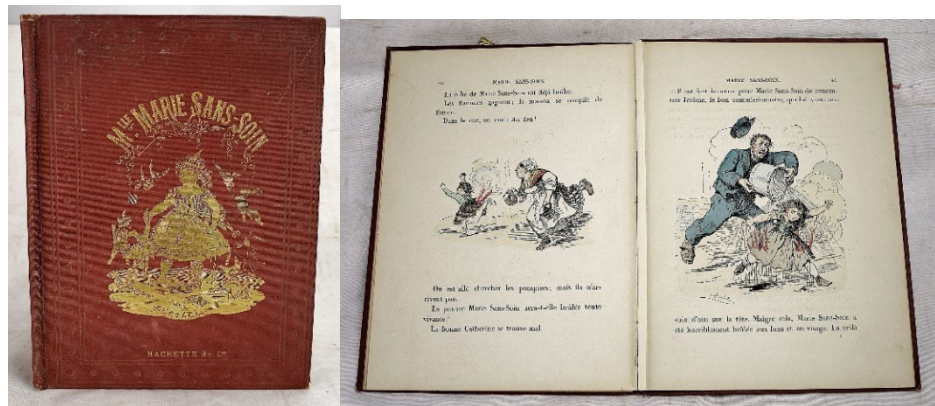
Figura 1: La Journée de Mademoiselle Lili (França, 1862) - capa e folha interna
Fonte:



www.leslivresanciens.fr/catalogue-de-livres-anciens/la-journee-de-mademoiselle-lili-hetzel/

Paralelamente, Bertall produzia a obra, do qual era autor e ilustrador, **Mademoiselle Marie sans soin**, publicada em 1867 com parceria de Louis Hachette. Louis Christophe François Hachette era um editor francês que tinha sua editora em Paris, destinada a produzir livros e outros materiais com a finalidade de melhorar o sistema de ensino (Linden, 2011).

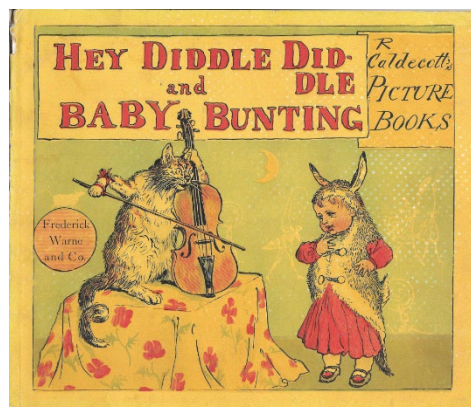
Figura 2: Mademoiselle Marie sans soin (França, 1867) - capa e folha interna



Fonte: <https://biblio.sg/book/mlle-marie-soin-bertall/d/1390926153>

Na Inglaterra, os *Toy Books* (livros de brincar) vinham sendo desenvolvidos por Walter Crane e Kate Greenaway, com um bom suporte visual e uma nova abordagem de ilustração, com empenho do impressor Evans, nos anos 1870. Segundo Linden (2011), Randolph Caldecott, autor da obra **The House that Jack Built**, publicada na Inglaterra em 1878, e com obras recentemente publicadas no Brasil, é considerado inventor do livro ilustrado moderno, por produzir um livro cujo texto e imagens se complementam. Na França, Boutet de Monvel se dedicava às pesquisas sobre o uso da página dupla, relacionando as duas páginas abertas. Ramos (2013) afirma que na obra **Hey-Diddle-Diddle and Baby Bunting**, Caldecott mostra que a ilustração poderia ser equivalente ao texto e imprescindível para o entendimento da história.

Figura 3: Hey-Diddle-Diddle and Baby Bunting (Inglaterra, 1978) - capa



Fonte: <https://victorianweb.org/art/design/books/260.html>

Em 1919 o ilustrador francês Edy-Legrand publica **Macao et Cosmage**, o qual tem a prevalência da imagem da imagem sobre o texto, invertendo a relação corrente. O texto é curto e o formato quadrado do livro chama a atenção para as imagens (Linden, 2011).

Figura 4: Macao et Cosmage (França, 1919) - capa e folha interna



Fonte: <https://www.circonflexe.fr/catalogue/ouvrage/macao-et-cosmage-ou-l-experience-du-bonheur-9782878332711>

Nas próximas décadas, a página dupla se dá como um espaço narrativo único, com textos e imagens sustentando juntos o conjunto da narração; a diagramação se manifesta flexível e a imagem se torna eficaz na relação com o texto. A publicação da obra de Maurice Sendak, **Where the Wild Things** - traduzido no Brasil como: **Onde vivem os monstros** - ocorrida em 1963 nos Estados Unidos, e em 1967 na França, permite que a imagem represente o inconsciente infantil, trazendo uma nova concepção da imagem nos livros infantis (Linden, 2011). Ramos (2013, p. 62) afirma que “Além de sua temática incomum, o livro difere de outros pela força que a imagem adquire, com páginas duplas exclusivamente dedicadas às ilustrações”.

A partir dessa época há cada vez mais a entrada de meios de comunicação audiovisual no mercado, provocando aumento de interesse nos desenhos animados e a expansão das revistas de histórias em quadrinhos. Conhecidos por arte sequencial, os quadrinhos misturam imagem-palavra, influenciando o livro infantil (Ramos, 2013).

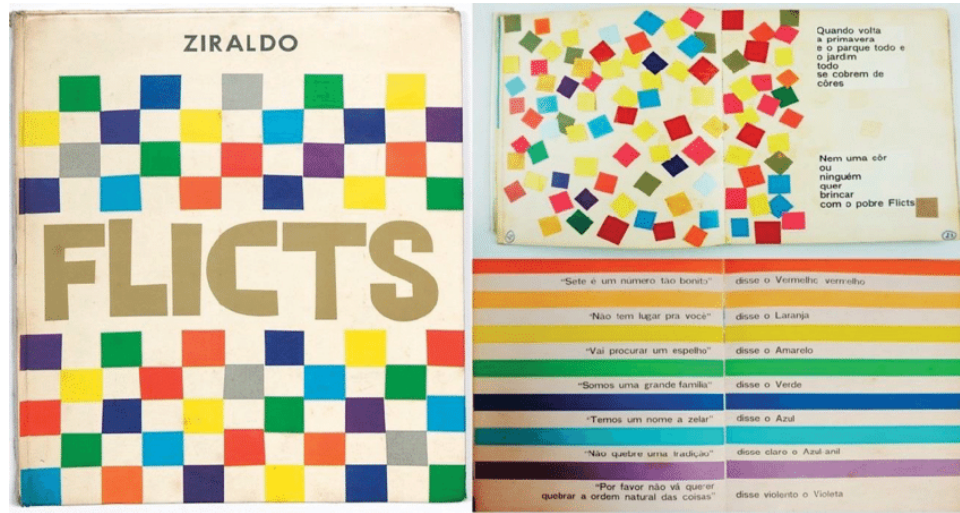
Em 1972, Pierre Marchand e Jean-Olivier Héron, fundadores do setor infantojuvenil da Gallimard, grupo editorial francês, publicam a coleção **Enfantimages**, reunindo a linguagem visual de jovens ilustradores e textos de grandes autores. Marchand amplia difusão dos livros infantis, oferecendo uma coleção de bolso. Sua contribuição também vem com inovações técnicas relacionadas à impressão dos livros ilustrados. Nos anos 1970 e 1980, pequenas editoras investem no uso da fotografia e outros recursos pictóricos, contribuindo para a valorização e divulgação do livro ilustrado. Nos anos 1990 surgem iniciativas inovadoras valorizando a linguagem visual e se aproximando da criação artística contemporânea e aperfeiçoando várias técnicas e estilos (Linden, 2011).

No Brasil, todas essas evoluções tecnológicas e mudanças culturais influenciaram a formatação do livro infantil, destacando a imagem. Em 1969, foi publicada a obra **Flicts**, de Ziraldo⁴, que trouxe inovações na arte de ilustrar livros infantis no Brasil, incorporando a ilustração ao texto, ampliando a importância das imagens e construindo um jogo de formas e cores.

⁴ Pode ser acessado em:

<https://docs.google.com/file/d/0B47Asx8CJpmrN1JDWlhLM1ppdGs/preview?pli=1&resourcekey=0-LT9FArmrNP19a2TmgvYOgQ>

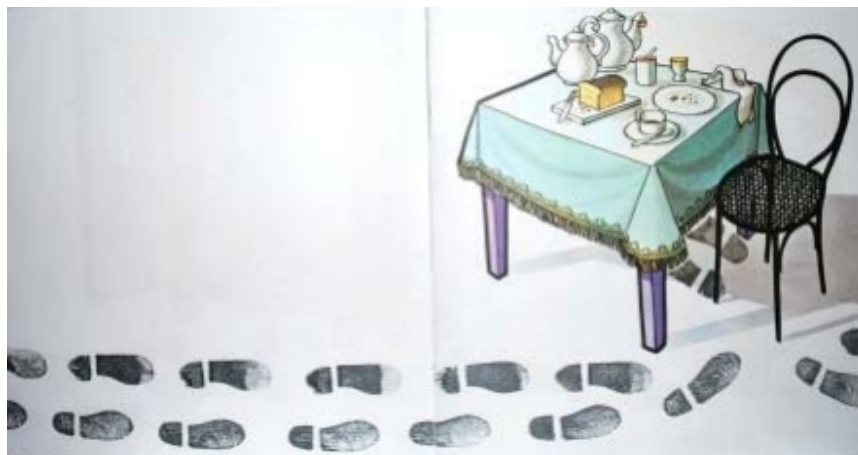
Figura 5: Flicts (Brasil, 1969) - capa e folha interna



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Figura-5-paginas-do-livro-Flicts-Fonte-Ziraldo-1969_fig1_355207778

A partir de 1970, observa-se grandes transformações no livro infantil brasileiro, valorizando o ilustrador tanto quanto o autor e a imagem tanto quanto o texto. Ramos (2013, p. 28) afirma que "O objeto livro adaptou-se ao tempo. Agregou técnicas e discursos variados". O artista plástico Juarez Machado lançou em 1976 a obra **Ida e Volta**, um livro feito somente de desenhos, sem "ordem correta", podendo ser lido de trás para frente ou ao contrário, outra grande novidade no Brasil.

Figura 6: Ida e Volta (Brasil, 1976) - folha interna



Fonte: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/1146f008-d9e7-4a15-aaf3-5482819e9208>

No livro **Ida e Volta**, a capa do livro já apresenta o início da narrativa, mostrando pegadas azuis “saindo” de um local de banho, com a cortina aberta. Na contracapa vemos pegadas “entrando” no local de banho com a cortina fechada, dando a impressão de que alguém está dentro desse local. Durante toda a história, o personagem se move a vários locais diferentes, o que é representado pelas pegadas; as páginas dão a impressão de movimento através das paradas e mudanças de sentido das pegadas. Durante a história, há também a interação do personagem principal com outros personagens, alguns que também não aparecem no texto, mas deixam suas marcas. Essa obra apresentou um ineditismo através do personagem misterioso, invisível, que passeia nas páginas e possibilita ao leitor uma infinidade de leituras.

Figura 7: Ida e Volta (Brasil, 1976) - capa e contracapa



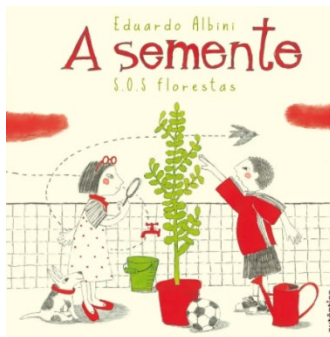
Fonte: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/items/1146f008-d9e7-4a15-aaf3-5482819e9208>

No início dos anos 1980, Ramos (2013) nos conta que surgiram inúmeras novidades na literatura infantil no Brasil, com mudanças significativas no texto e na ilustração. “Um grupo de autoras dá novo rumo à literatura infantil. São elas: Lygia Bojunga, Ana Maria Machado, Fernanda Lopes de Almeida, Ruth Rocha e Sylvia Orthof” (Ramos, 2013, p. 63). Adicionamos a essa lista a autora e ilustradora Ângela Lago.

Neste caminho, grande parte dos livros informativos apresenta uma quantidade abundante de imagens. O bom livro informativo é preparado por uma equipe ampla que envolve ilustradores, fotógrafos especialistas no tema, redatores e, às vezes, assessorias diversas. Ramos (2013) alega que esse segmento vem utilizando das estratégias do livro ilustrado para levar suas mensagens às crianças, como no caso do livro **A semente – S.**

O. S. florestas (2010), de Eduardo Albini, que aborda o meio ambiente através das cores verde e vermelho, os personagens são contemporâneos e passam a maior parte do tempo dentro de casa, até pensarem em cuidar das árvores.

Figura 8: A semente – S.O.S. florestas (Brasil, 2010) - capa



Fonte: Editora Autêntica

A Revista Crescer elegeu, em sua 19ª edição da lista dos 30 Melhores Livros Infantis do Ano, os 30 melhores livros infantis do ano 2024⁵, contando com 58 jurados especialistas em literatura infantil de diversos cantos do país, que escolheram as obras mais relevantes para as crianças. Parte significativa da seleção escolhida conta com livros ilustrados, entre eles vários livros informativos.

2.2 Livro informativo: do conceito à prática

Os livros informativos, de acordo com Garralón (2015), são livros de não ficção com a função de transmitir conhecimento, que falam sobre ciência, invenções, sociedade, personagens históricos ou arte. Podem abordar temas como alimentação, artesanato, jardinagem, política, filosofia, vida cotidiana, biografias, química, física, história ou matemática.

As principais razões para que as crianças leiam livros informativos são para que elas possam obter respostas aos seus questionamentos sobre o mundo e a vida, já que

⁵ A lista dos 30 melhores livros infantis do ano de 2024 pode ser acessada no endereço: <https://revistacrescer.globo.com/entretenimento/literatura-infantil/melhores-livros-infantis-do-ano/noticia/2024/06/os-30-melhores-livros-infantis-do-ano-2024.ghtml>

os livros informativos contêm informações organizadas e visam à formação de leitores e “pesquisadores”. Crianças costumam questionar tudo que as rodeiam, como argumenta Garralón (2015): “Perguntas básicas sobre a vida, a família, a escola, o corpo humano, o crescimento, continuam sendo formuladas”.

A autora nos apresenta sete funções da imagem observadas nos livros:

Tabela 01 - Sete funções da imagem nos livros a partir de Garralón (2015)

1. Função motivadora	A imagem acompanha o texto, mas não se envolve com ele.
2. Função vicarial	A imagem substitui os conteúdos verbais.
3. Função catalisadora	Vários acontecimentos não simultâneos estão na mesma imagem.
4. Função informativa	A imagem explicita a mensagem do texto.
5. Função explicativa	Os códigos (imagem e texto) se sobrepõem.
6. Função facilitadora	Quase sempre redundante pois o texto é claro e explícito.
7. Função estética	Utilizada somente para ocupar um espaço vazio.

Fonte: Autoria própria

Para qualificar a ilustração em um livro informativo, devemos observar se as imagens foram escolhidas ou produzidas especialmente para aquele livro ou se vieram de um banco de fotos; se for o caso, observar se elas atendem às particularidades do tema. Outras observações que devem ser feitas são quanto ao espaço utilizado com as imagens e o quanto essas imagens contribuem com o entendimento da informação textual. No livro informativo, devem estar presentes a imaginação e a fantasia, mostrando que essas características impulsionam as inúmeras descobertas (Garralón, 2015).

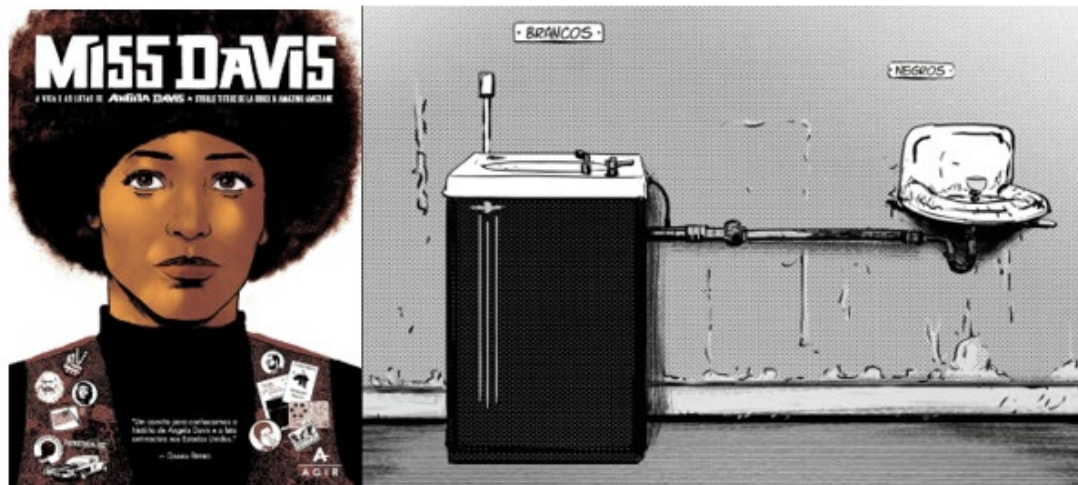
Quanto aos desenhos, a autora relata que quando um ilustrador rigoroso faz um desenho a serviço do texto, ampliando ou particularizando, estes dão uma dimensão surpreendente aos livros informativos. Outra preocupação é a respeito da escala; para que as imagens reflitam o tamanho real dos objetos.

O desenho ainda é imprescindível em livros sobre a flora, a fauna, a medicina, anatomia e arqueologia, pois permite reconstruir partes do

modelo que tenham sofrido dano, simular o aspecto de um animal imóvel e eliminar ou incorporar elementos indesejáveis (Garralón, 2015, p. 122).

Os livros informativos podem também utilizar o formato de HQ para divulgar informações. Como foi dito anteriormente, essa forma de ilustração influenciou a literatura infantil e os livros ilustrados. Esse formato pode informar utilizando uma linguagem popular, acessível, uma leitura ágil, divertida, com movimento e expressividade. Costumam ser utilizados para contar histórias autobiográficas, divulgando temas das Ciências Sociais e Políticas. É possível compreender esse tipo de recurso na construção de uma biografia de Ângela Davis, conforme imagem a seguir:

Figura 9: Miss Davis: a vida e as lutas de Ângela Davis - HQ - capa e folha interna



Fonte: Editora Agir

Atualmente a fotografia também é bastante encontrada nos livros informativos; a questão é que a fotografia é frequentemente usada como contemplação e em raros casos provoca uma reflexão crítica. Em alguns casos, porém, a imagem fotográfica provoca reações de curiosidade, afetividade e humor. A fotografia contribui quando permite uma leitura simbólica e desafia os leitores a pensar e questionar (Garralón, 2015).

Apesar das redes sociais fornecerem muitas informações sobre qualquer assunto, as informações estão dispersas e desorganizadas, por esse motivo, nem sempre encontramos a informação de que precisamos utilizando *sites* de busca. É ainda mais complexo para uma criança encontrar as informações que deseja, utilizando as mídias e redes sociais. Os livros informativos para crianças oferecem informações estruturadas e

organizadas, produzidas por especialistas especialmente para ajudar as crianças a responder às suas questões (Garraón, 2015).

A leitura ajuda a criança a se concentrar, descobrir novas palavras, aumentando assim seu vocabulário, buscar novas informações e desenvolver suas capacidades cognitivas (atenção, memória, linguagem, pensamento, percepção). Como nos informa Garraón (2015, p. 17): “A leitura inaugura uma nova etapa no desenvolvimento cognitivo das crianças” e o livro informativo na escola contribui para além do desenvolvimento cognitivo, o desenvolvimento social e emocional desses sujeitos.

A partir da leitura na infância, a criança deve desenvolver a capacidade de se relacionar com o mundo da escrita e ser capaz de entender vários tipos diferentes de textos, como uma bula de medicamento, anúncios de produtos, textos científicos, textos jornalísticos, *blog*, *e-mail*, entre outros. Não basta conseguir ler e escrever, ser “alfabetizado”, é preciso conseguir compreender os textos lidos e transformar essas informações em conhecimentos úteis para a vida. Como as crianças perguntam a respeito de tudo, os livros informativos podem oferecer fatos e informações sobre um tema específico, ajudando a formar uma opinião, mostrando que a questão pode ter várias respostas e ajudando a desenvolver o senso crítico (Garraón, 2015).

Os livros informativos, por abordarem temas específicos, possuem um vocabulário também específico, sendo necessário que o leitor busque o significado das palavras e faça analogias e comparações com as imagens e demais textos para compreender o conteúdo. Essa forma de leitura provoca a ampliação do vocabulário e o desenvolvimento de outras competências de leitura não desenvolvidas nos textos narrativos. Conforme a autora, “Os textos informativos distinguem-se dos narrativos: argumentam, expõem, comparam, estabelecem analogias, descrevem fatos, utilizam linguagem técnica e precisa, exigindo, muitas vezes, o emprego de glossários” (Garraón, 2015, p. 19). Podemos encontrar esse tipo de arquitetura no livro de Guilles Eduar, qual trabalha o glossário para falar sobre os biomas brasileiros.

Figura 10: Brasil 100 palavras - folha interna



Fonte: Editora Autêntica

Para que a criança desenvolva um pensamento crítico, ela precisa analisar e argumentar. Os livros informativos trazem fatos históricos, políticos e sobre o comportamento humano. É importante que as crianças tenham conhecimento de tudo que foi criado pelo homem, coisas boas como a evolução nos transportes e comunicações, bem como dos desastres causados pela humanidade como as guerras, desigualdades sociais e exploração dos recursos naturais. Essas contradições permitirão que a criança explore as diversas faces de uma informação (Garraón, 2015).

Os livros informativos podem e devem ser lidos na escola, pois aproximam o conteúdo científico ao mundo real, respondendo vários questionamentos das crianças e gerando novas perguntas. Outra vantagem dos livros informativos é que atendem à curiosidade da criança naquele momento, pois na escola, algumas vezes, para responder claramente a uma questão trazida pela criança, é necessário esperar o momento de apresentação planejado para esse conteúdo.

Os livros oferecem a vantagem de estar disponíveis para as crianças a qualquer momento, podendo ser lidos várias vezes, lido somente a parte que mais interessa, ou retomar alguma informação quando outra dúvida surgir. As crianças gostam de contar aos colegas as informações que aprendem nos livros ou até emprestar o livro aos colegas. Essa discussão, além da socialização, é fundamental para que as crianças

tenham outro ponto de vista e formem sua própria opinião. Conforme Garralón (2015), os adultos devem oferecer livros oportunos à discussão e fazer perguntas após a leitura, para que as crianças possam discutir o tema proposto.

Observemos, por exemplo, o livro do autor Philip Bunting, **Como eu cheguei aqui?** O autor propõe uma viagem através dos conhecimentos a respeito da origem do universo dos seres humanos, mostrando conhecimentos que vão da física à biologia.

Figura 11: Como eu cheguei aqui (capa e folha interna)



Fonte: Editora Brinque-Book

Um bom livro informativo deve ser atraente, divertido e permitir que o leitor decida a ordem de leitura que mais lhe interesse, embora alguns livros que tratam de dados históricos ou Biografias sejam organizados de forma cronológica para facilitar o entendimento temporal. Esses livros podem ser lidos na hora de dormir ou na “hora da história”, como nos orienta Garralón (2015).

A autora afirma que “Os livros informativos para crianças foram criados por especialistas e editores que dedicaram um bom tempo até encontrar a melhor maneira de transmitir determinado conhecimento para os leitores”. (Garralón, 2015, p. 31). Em outras palavras, um grupo de especialistas estudou o tema e o organizou de acordo com a faixa etária que utilizará o livro, oferecendo uma leitura prazerosa e organizada às crianças.

Os livros informativos podem ser apreciados por leitores de todas as idades, desde bebês até pessoas idosas. Para os bebês, a maioria dos livros trata sobre a vida cotidiana. Segundo Garralón (2015, p. 37), “A vida cotidiana é o mais importante para os pequenos leitores e por isso acabam criando um vínculo emocional inigualável com os livros”. A partir da idade escolar, podemos deixar que a própria criança escolha seus temas de interesse e faça a leitura de acordo com suas prioridades. Alguns leitores dão prioridade às imagens, outros aos textos e alguns gostam de ler tudo, relacionando texto e imagens.

No livro **Ler e saber: os livros informativos para crianças** encontramos dez características dos livros informativos, nos ajudando a identificá-los:

1. tem a intenção de informar sobre um tema;
2. são criados por uma equipe tornando a publicação atraente para o leitor;
3. podem ser autorais;
4. são feitos para atender a um tipo de leitor específico, não acostumado a temas científicos;
5. mostram como funciona o pensamento científico de forma curiosa e agradável;
6. transmitem o gosto pela leitura, gerando uma interação entre o leitor e o livro;
7. são compostos por vários recursos, textos e imagens, índices temáticos, glossários, apêndices, bibliografias, esquemas, mapas e tabelas;
8. podem falar sobre qualquer assunto;
9. mostram o processo científico (tentativas e erros) até chegar a uma conclusão e
10. são convidativos para a leitura de outros livros pois o leitor é estimulado a responder novas questões que surgem durante a leitura.

Os livros informativos possuem um projeto gráfico complexo, isso os diferencia dos livros de ficção e exige dos leitores a criação de novas estratégias de leitura para lidar com os elementos paratextuais: glossários, índices, mapas, sumário, bibliografia, imagens, entre outros, como vimos no exemplo sobre os Biomas, trazidos por Guilles Eduar.

É difícil encontrar um livro que atenda a todos os requisitos para um livro perfeito, porém alguns critérios de qualidade nos indicam se podemos confiar em seu conteúdo

mesmo que a didática, o excesso de imagens, a falta de índices ou outros requisitos, não atendam completamente à seleção. Ana Garralón (2015, p.56) nos diz que “[...]todos os livros são bons na medida em que permitem aos leitores ter acesso a um mundo de informação.” Embora seja uma afirmação “delicada”, não é nosso objetivo problematizar tal ponto, escaparíamos das questões proposta para esta pesquisa.

O divulgador científico que escreve para crianças deve conhecer bem o seu público, sem contanto, subestimar a criança. Temas que os interessam, seu nível de conhecimento e o momento de inserir novas informações, respondendo às suas perguntas. “É necessário transpor um conteúdo de um nível de língua elevado, técnico, culto e científico, a outro mais acessível, popular e familiar.” (Garralón, 2015, p. 145).

Segundo a autora, uma das preocupações que devemos ter ao adquirir um livro informativo é observar os créditos para verificar quem fez o livro: nomes dos autores, dados da editora, equipe de fotografia e imagens, além de outras informações. Devemos observar ainda se houve assessoria de cientistas ou pedagogos na revisão do livro. Livros informativos escritos por cientistas podem transmitir a paixão do autor sobre o tema, “revelando o fazer científico à sociedade” (Garralón, 2015, p. 59). Alguns cientistas, entretanto, não conseguem transmitir o conteúdo em uma linguagem coloquial, o que pode dificultar o entendimento das crianças.

Atualmente os livros infantis costumam trazer um breve histórico de seus autores, ou mesmo uma página de agradecimentos do autor, mostrando entidades ou cientistas que contribuíram com sua pesquisa para a escrita do livro informativo. Alguns autores chegam a dizer nas páginas dos livros os motivos que o levaram a escolher o tema em questão.

Conforme Garralón (2015, p. 62), “Um bom divulgador não é um mero transmissor de informação, é um autêntico criador que dá sentido novo ao conhecimento quando o contextualiza na vida cotidiana”. Ou seja, os autores dos livros informativos não pretendem ser os donos da razão e transmitir informações acabadas, como geralmente acontece com os livros didáticos, ao contrário, devem contribuir para o questionamento e o pensamento crítico.

Uma segunda preocupação na escolha do livro informativo, é quanto aos tradutores e adaptadores dos textos. A autora nos lembra que nas traduções podem ser

encontrados erros conceituais, bem como pode ser necessária a inclusão de notas explicativas, devido ao livro se referir a outra cultura, outro povo.

Outro ponto levantado por Garralón (2015) é quanto à editora e à coleção às quais o livro pertence. De acordo com os interesses da editora, alguns temas podem ser excluídos das coleções e de suas publicações. Outros livros, incluídos em coleções, algumas vezes precisam ter seu conteúdo adaptado para seguir o modelo proposto para aquela coleção (número de páginas, formato, quantidade de imagens ou texto). Essas adaptações comerciais podem prejudicar a ideia inicial da obra e, por esse motivo, o professor deve verificar a qualidade e intencionalidade da coleção e da editora.

Existe ainda o relevante aspecto do título e tema do livro. Conforme a pesquisadora, o título é a primeira informação que recebemos e através dele temos ideia sobre o tema do livro e o interesse pode ser despertado, questionando o conteúdo. Alguns livros usam o exagero para chamar a atenção. Esses livros geralmente são sensacionalistas e mostram apenas aspectos extremos sobre o tema. Portanto, títulos apelativos devem ser analisados com cuidado. Há títulos que resumem demais o conteúdo enquanto outros falam como se esgotassem o tema, por exemplo, “Tudo sobre as formigas”, embora nenhum livro fale tudo a respeito de determinado assunto.

O ano de edição do livro nos indica quanto à atualidade dos fatos apresentados nela. Outros elementos igualmente importantes são: o índice ou sumário e os índices temáticos. São importantes também para o livro informativo o Glossário e a Bibliografia, para que as crianças aprendam novos termos científicos e entendam que os autores consultaram outras fontes para escrever o livro. As guardas e quarta capa podem ser utilizadas para atrair as crianças para a leitura com desenhos, poesia ou perguntas sobre o tema, além de trazer “pistas” sobre o assunto a ser tratado.

Quanto à diagramação, projeto gráfico e formato dos livros informativos, é necessário observar se há uma ordem, uma coerência nas imagens e texto. Deve-se observar se há uma ordem na disposição do texto, das imagens, das curiosidades, se o tamanho das letras e a fonte escolhidas ajudam na leitura. Podem ser utilizadas várias tipografias, sendo uma para cada informação, fazendo um conjunto harmônico e convidativo à leitura. Finalmente devemos observar como o formato do livro se comunica com o tema. Uma atividade importante para a seleção de livros informativos e as

atividades a serem realizadas com eles, é “ler com tranquilidade os conteúdos” (Garralón, 2015, p. 81).

Nessa fase de seleção, deve-se analisar qual o posicionamento do autor frente ao tema e a perspectiva sob a qual o tema é tratado no livro. O avanço da ciência exige debates, pois o bom livro informativo deve estimular a busca por respostas e novos questionamentos. Os livros informativos são divulgadores da ciência e ajudam as crianças a entenderem melhor o mundo e sua participação nele. Muitos temas, de acordo com os recursos linguísticos utilizados, fazem as crianças pensarem seus valores sobre os dados divulgados, desenvolvendo uma sensibilidade para os problemas gerais e preocupações do momento.

“Nos textos informativos para crianças, as perguntas têm uma importante função” (Garralón, 2015, p. 90). As perguntas fazem o leitor interagir com a leitura e refletir sobre o que leu; é um momento para entender a ampliação dos conhecimentos através da leitura. Muitos livros infantis usam a forma pergunta/resposta, convidando os leitores a refletirem sobre seus conhecimentos anteriores e os conhecimentos adquiridos com a leitura. As perguntas podem ser realizadas por um personagem do livro que dialoga com o leitor e as respostas podem ser várias, ter possibilidades, nem sempre as questões são totalmente solucionadas.

O bom livro informativo deve ter precisão, exatidão, clareza e rigor, pois é importante que a informação tenha exatidão científica. A forma de escrever, o estilo do texto, também deve ser analisada. Os autores de textos informativos podem utilizar analogias, metáforas, sínteses e comparações para tornar mais concreto e familiar às crianças aquilo que parece distante e abstrato. Não basta oferecer os fatos às crianças, é preciso utilizar recursos para que os fatos sejam por elas compreendidos.

Livros informativos podem também sugerir experimentos e estabelecer a relação entre o experimento e o conceito apresentado. Os leitores infantis se deliciam com os experimentos e esses procedimentos demonstram como as Ciências chegam aos fatos. Os experimentos podem envolver medidas, observações e anotações. Os livros informativos têm por finalidade trazer informações e divulgar a ciência, assim, devem evitar a utilização de mitologias ou filosofias que não contribuem com esse objetivo.

Os gráficos e esquemas ainda são pouco utilizados nos livros informativos, mas pelo seu poder de resumo, e contribuição lógica e matemática, podem contribuir imensamente com a divulgação da ciência. Os livros informativos podem trazer a divulgação visual documental em que o narrador é menos pessoal e a descrição se faz mais presente. Esses livros geralmente trazem uma linguagem mais técnica e requerem índices e glossários.

Um livro informativo, mesmo sendo de não-ficção, pode contar uma história, ser descrito como uma narrativa; pois está organizado de forma cronológica e a informação é uma história. Garralón (2015) afirma que esse formato pode servir como ponte para leitores muito apegados às narrativas, porém não pode haver uma mistura desordenada entre realidade e fantasia.

Quando temos um livro em mãos é importante refletir sobre os pontos de vista e as intenções dos cientistas e divulgadores e se os autores expõem as controvérsias sobre as questões éticas e diferentes pontos de vista a respeito do tema, não induzindo assim o leitor a escolher “um lado”. Pelo contrário, o livro deve levar o leitor a entender as diferentes posições a respeito do tema e a questionar o cenário geral sobre o assunto na sociedade. Assim, devemos questionar livros em que as invenções são apresentadas como trabalho de um único pesquisador, excluindo o processo até chegar ao objetivo. Também questionamos livros que mostram a natureza de maneira utilitária. Outra crítica é quanto à idealização de épocas passadas, omitindo a “parte feia” da história.

O livro informativo promove o diálogo entre os cientistas e a comunidade não especializada em temas científicos, promovendo o encantamento do público pela ciência e uma jornada de aprendizado que segue por toda a vida. Como interface com a ciência, os livros informativos possibilitam observação, discussão, teses e hipóteses; devem instigar a imaginação e a elaboração de questionamentos. É importante que as crianças vejam pontos de vista diferentes e que o autor não manipule aos pequenos leitores.

Ao contrário do livro didático, que traz uma “resposta correta” e não leva ao diálogo, os livros informativos devem expor as ideias compartilhando conhecimentos de forma a instigar a curiosidade do leitor, fazendo-o questionar e buscar a outros livros sobre o tema, deixando espaço para a experimentação e imaginação.

Garraón (2015) mostra em seu livro que de acordo com a idade do leitor, esse se interessa por determinados temas e que os livros informativos devem ser oferecidos aos leitores juntamente com livros de ficção, cabendo ao leitor fazer sua própria escolha. Cada leitor é único, visto que dá seu próprio significado à obra, portanto, deve ser dada a oportunidade de o leitor decidir o que deseja ler e como deseja fazer essa leitura.

Os livros informativos ajudam a criança a avaliar seus conhecimentos prévios, verificando se são fundamentados ou imaginados, promovendo novos conhecimentos. A compreensão e memorização do tema proposto são facilitados quando o texto está organizado e existem estruturas textuais que proporcionam melhor assimilação do texto pelas crianças. As crianças precisam de apoio para utilizar todos os recursos que o livro informativo traz para elas; precisam saber como utilizar o índice, ler os gráficos e relacionar a leitura com sua experiência de vida.

Garraón (2015) apresenta elementos de estilo que favorecem as crianças na compreensão do livro informativo: incluir analogias, apresentar ideias conhecidas pelos leitores, inserir perguntas, enfatizar conceitos que contradizem as concepções preconcebidas, usar um estilo que amarra as ideias.

Ao trabalhar com livros informativos para crianças, os adultos podem cometer o erro de atribuir a elas um papel passivo, sem motivação para a leitura. Os mediadores adultos entre os livros e as crianças, sejam eles pais, professores, bibliotecários, são de grande importância para que livros informativos de qualidade cheguem às mãos das crianças. O papel do adulto é oferecer diferentes leituras e ajudar a criança na compreensão do texto.

2.3 O designer a favor da leitura

Conforme apresentado em todo o trabalho, os livros infantis foram se reinventando juntamente com o desenvolvimento da indústria gráfica e de design, e incorporando novos elementos como diferentes tipos de imagens, tipografia, cores, efeitos sonoros e tridimensionais. Todos esses elementos contribuem para que o livro infantil, bem como o livro informativo, seja mais atrativo para a criança, alfabetizando para a leitura de multiletramentos: textual, visual, gráfico, entre outros. As crianças contemporâneas estão

cada vez mais mergulhadas em uma cultura audiovisual, recebendo estímulos cheios de imagens com os quais os livros precisam competir, exigindo que escritores, ilustradores e artistas gráficos trabalhem juntos (Ramos, 2013).

O livro infantil proporciona várias experiências hoje às crianças, que possam passar os olhos nas ilustrações e textos, mas também explorar suas sensações táteis ao sentir a maciez de uma plumagem ou a aspereza de uma lixa. Podem saltar para o tridimensional, no efeito *pop-up*, um efeito muito utilizado por crianças menores, que ainda necessitam bastante do concreto para lidar com questões mais complexas (Ramos, 2013). Ramos relata a utilização do jogo de contraste de cores nas ilustrações dos livros infantis, até mesmo o recurso do preto e branco “[...] cores que se atraem, se complementam, ou se chocam, provocando tensão e fusão (Ramos, 2013, p. 29).

Além das ilustrações, Ramos (2013) defende que a imagem no livro infantil também está relacionada ao projeto gráfico, ao tamanho e espaçamento das letras; aos tipos de letras utilizadas, que assim definem o ritmo de leitura; ao tipo de papel; ao formato; capa, contracapa e quarta capa; orelha e aos demais recursos técnicos que definem a mecânica do livro. O visual gráfico deve tornar a mensagem mais legível, compreensível e agradável, transformando o livro em um recurso que encante e surpreenda. Segundo a autora, o livro infantil contemporâneo é um objeto bastante complexo e que, para ler esse livro, é necessário fazer um exercício para compreender a relação entre a parte escrita e visual.

Segundo Cademartori:

Os olhos do leitor percorrem a página respondendo à força visual de cada elemento apresentado, o que pode facilitar ou dificultar a leitura. O formato da publicação, o número de páginas, o tipo de papel, o tamanho das letras e da mancha, o design, o equilíbrio entre informação verbal e visual fazem parte do conjunto de elementos que compõem o livro e podem assegurar, ou não, as condições de legibilidade para um leitor ainda em formação. (Cademartori, 2008, p. 87)

Cademartori (2008) ressalta a importância de como espaço é representado no livro ilustrado: a linha, a luz, a cor, o contorno, a textura, a escala, a perspectiva, a composição da imagem, entre outros elementos gráficos, já que essa experiência de noção espacial

é essencial no desenvolvimento infantil, que está em aprendizado a respeito do espaço físico - longe, perto, dentro, ao lado, em volta, dentro, diante. A autora relata que a literatura infantil permite a ilustradores e designers, caminhar por diferentes estilos artísticos e tendências estilísticas de vários tempos, inclusive misturando com técnicas contemporâneas, remetendo ao cinema e à publicidade, referências que serão identificadas pela criança.

O planejamento visual gráfico, incluindo os tipos de letras a serem usadas, o espaçamento, o ritmo das páginas que conta a história, o tipo de papel que serve de suporte, os recursos técnicos, a forma de leitura, todo esse planejamento, deve tornar a mensagem agradável e legível, e encantar e surpreender. As crianças no contexto atual estão cada vez mais mergulhadas na cultura audiovisual, recebendo inúmeros estímulos visuais, daí a necessidade de os livros infantis contarem com bons escritores, ilustradores e artistas gráficos. A tendência é de que esse público tenha mais facilidade de aderir aos produtos com bom projeto gráfico, já que nasceram em uma cultura em que palavras e imagens interagem (Ramos, 2013).

Campos (2016) relata que as práticas do mercado editorial brasileiro incluem uma avaliação prévia da viabilidade de determinada ideia para os livros infantis, analisando todas as etapas até que se torne um projeto e, finalmente, um livro. Autores, ilustradores, designers, cientistas e produtores que participam do projeto criativo possuem o desafio de propor e manter temas cativantes que transmitem conhecimento e ao mesmo tempo fazem o pequeno leitor se identificar com a mensagem.

O projeto gráfico e a ilustração no livro ilustrado infantil devem apresentar desafios no plano visual às crianças, incentivando-as a focar o olhar com redobrado interesse, observando o inesperado e não somente uma informação superficial. Esse olhar mais aprofundado produz perguntas, forma deduções, levanta hipóteses que levam a uma compreensão mais complexa das imagens, tanto de modo literal como metafórico, estimulando a capacidade expressiva e analítica das crianças. Cheia de hipóteses e perguntas, o conhecimento da criança aumenta ainda mais no diálogo com os colegas e professores.

Palavras e imagens deixam espaço para que os pequenos leitores preencham com seu conhecimento e experiências anteriores, promovendo assim infinitas possibilidades

de interação da palavra escrita com a imagem. Autores e editores do livro ilustrado contemporâneo apresentam temas de divulgação científica com grande inventividade e experimentação em relação à palavra escrita e o projeto gráfico, explorando essas possibilidades para promover um tipo de divulgação que atenda a esse público cada vez mais exigente (Campos, 2016).

Vivemos em um momento de intensas transformações e os sistemas de comunicação e o livro infantil também sofrem o impacto dessas mudanças e das tecnologias, em que o *design* influencia e participa da construção de significados. Várias obras estão sendo produzidas de forma a se aproximar da tridimensionalidade, gerando a sensação de profundidade e volume. Também são utilizados os sistemas *scanimation*, quando o livro é animado de acordo com a forma que a página mexe; a criança vira o livro e vê a imagem ganhar movimento (Ramos, 2013).

Além do projeto gráfico, o livro infantil caminha cada vez mais para a interação com o mundo virtual. As imagens podem ser agregadas a *Hiperlinks*, que remetem o leitor a acessar um *link* que explica uma palavra ou apresenta um fato relevante. O livro também pode vir com o convite de participação em um jogo virtual, a cantigas e, no caso do livro informativo, pode ser um jogo, cantiga ou experiência científica que reforça o conteúdo temático do livro.

Para Corrêa (2008), os livros para crianças são livros complexos por possuírem um conjunto de sistemas semióticos, com inúmeras linguagens e um projeto gráfico com variação de tamanhos, formatos, cores e possibilidades estéticas. O autor reflete que a experiência de passar as páginas e olhar cada um desses elementos deve ser vivenciada pelo próprio leitor, que experimentará o encantamento próprio da experiência com as artes: a fruição estética.

Os livros informativos são projetados para levar conhecimento científico ao público sem deixar de envolver o prazer estético. São livros de divulgação científica com uma proposta aberta, que permitem diferentes níveis de leitura através de seu projeto gráfico (Campos, 2016). Com base nas considerações de Campos:

Ao investigar sobre livros informativos e coletar exemplos de obras atuais e históricas, pode-se observar uma gama de possibilidades de interação entre textos e imagens que concorrem para a construção de significados

que são transmitidos para os interpretantes, que dão sentido às mensagens. (Campos, 2016, p. 83)

A tipografia nos livros informativos, geralmente separa os blocos de textos através de tamanhos e fontes diferentes; essas tipografias são dispostas de forma a alternar títulos e subtítulos, separando informações mais importantes e curiosas. O leitor pode escolher o que prefere ler e em que ordem. Nos livros informativos geralmente encontramos um texto central e em outra tipografia as curiosidades ou comentários, que associado a analogias e comparações, além da disposição das imagens, ajudam as crianças a compreender os conceitos e estabelecer relações (Garralón, 2015).

Existem os livros informativos de divulgação tridimensional, em que o projeto visual é o principal elemento. Esses livros informativos podem exigir a participação dos leitores pois trazem relevos, barulhos, pop-up, objetos para experimentar ou janelas para abrir. Alguns trazem elementos tridimensionais e maquetes com os quais os leitores podem construir uma casa ou avião. Existem várias formas de se organizar a informação em um livro, o ideal é observar se a forma proposta é eficaz para informar e levar o leitor a questionar, comparar e analisar. A formulação de perguntas que convidam o pequeno leitor a refletir a respeito do tema apresentado é um recurso importante nos livros informativos (Garralón, 2015).

Gráficos, tabelas e diagramas são formas de apresentação de informação muito utilizados em livros informativos e, assim que as crianças assimilam essa forma de comunicação, passam também a utilizá-las em sua própria comunicação. Quando a criança procura e encontra informações de maneira autônoma, refletindo e analisando dados, se sente capaz e satisfeita com seu próprio trabalho intelectual. Esses elementos gráficos, portanto, são relevantes no projeto visual de um livro informativo.

Campos (2016) que analisou os livros infantis do Instituto Isotype (International System of Typographic Picture Education), relata que estes não seguiam uma estrutura convencional, as páginas continham em sua parte central apenas gráficos ou imagens e nas laterais, perguntas que poderiam ser respondidas analisando esses gráficos e imagens. Essa composição contribui para desafiar o leitor e cria a oportunidade de uma leitura ativa, capaz de analisar e relacionar o que leu.

O cientista social Otto Neurath (1882-1945), no início do Século XX, desenvolveu junto com sua equipe um tipo de linguagem pictórica chamada ISOTYPE (International System of TYpographic Picture Education) que teve grande influência sobre a forma como se projeta informação visualmente nos dias de hoje. Esse sistema de linguagem ficou mundialmente conhecida por utilizar a linguagem não-verbal para comunicar informações complexas de forma simples, como em placas de trânsito e gráficos que informam questões econômicas e sociais. Os trabalhos produzidos por essa equipe em Oxford e Londres para livros infantis, entretanto, não são muito divulgados e conhecidos (Campos, 2016).

Com base nas considerações de Campos (2016), a equipe do Instituto Isotype teve uma abordagem à frente do seu tempo, envolvendo profissionais com ideias e habilidades diferentes no processo de *design*. Os princípios dos livros infantis do Isotype eram: consistência no uso de pictogramas e no uso da cor para expressar determinado significado, linguagem amigável e equilíbrio na representação de detalhes.

Campos (2016) relata algumas abordagens teórico-metodológicas que podem auxiliar na discussão a respeito de como diferentes linguagens se articulam e constroem significado nos livros infantis. Um dos aportes teóricos utilizados em sua análise é o **Modelo descritivo para caracterização de livros de leitura e informação para crianças**, por Walker (2012).

Walker (2012) propôs um *checklist* considerando características de design que influenciam a leitura infantil e os atributos decorrentes dessas características: descrição do artefato (aspectos materiais dos livros como o tamanho e formato, tipo de papel, processo de impressão, material da capa); estrutura do documento e articulação do conteúdo (modo de organização do livro, a estrutura do documento, como o livro foi dividido, em blocos, seções, capítulos, páginas simples ou duplas, elementos paratextuais – listas de referências, sumários, índices, glossários, bibliografia, apêndices, lista de ilustrações, parte de perguntas, parte de curiosidades, parte central do texto); tipografia (espaçamento entre palavras, letras e linhas, tamanho da fonte, diferenciação de palavras-chaves, caracteres que diferenciam letras parecidas como “o”, “a” e “g”, “p” e “q”, “b” e “d”, já que a idade do leitor é um fator importante para a composição do texto); ilustração (uso das cores, localização da imagem na página, imagem inteira em uma

página ou composta, diagramação da imagem em relação aos demais elementos da página); relação texto-imagem (diagramas, infográficos, imagem pictórica ou esquemática, articulação das cores, uso realístico, mapas) e fatores contextuais (fatores externos à criação, como a tecnologia disponível, as condições impostas pelo público alvo, o tipo de conteúdo a ser produzido). Essas características e seus atributos, segundo Walker, deveriam ser analisados pela equipe de design para a produção do livro infantil informativo.

Campos (2016) ressalta que a retórica verbo visual, estratégia utilizada no marketing para influenciar comportamentos e emoções dos clientes, em nosso caso, dos pequenos leitores, é utilizada também na produção do livro infantil, sendo realizada através das imagens: analogias, metáforas, inversão metafórica, metonímia, sinédoque, hipérbole, comparação, entre outras.

Com a imagem assumindo um papel de destaque nos livros infantis, ela também passa a exigir uma atenção especial dos professores, intermediários entre os alunos e os livros. Ramos (2013) nos lembra que muitas vezes não compreendemos uma imagem devido a uma lacuna em nossa formação como leitores e apreciadores de obras de arte; é necessário então que aqueles e aquelas que lidam com livros destinados à infância aprendam a respeito do universo das imagens, estudando e discutindo teóricos da arte e pensando em formas de contar visualmente a literatura.

A mediação também pode empobrecer a fruição quando o professor olha o texto somente em busca de informações, fatos e conhecimento, retirando do aluno o prazer estético associado à literatura. Devemos nos lembrar que o que define finalmente a relação estética é o olhar que o leitor lança sobre o livro, e que a apreciação de uma obra literária envolve tempo, contexto de leitura e referências do leitor, portanto é importante possibilitar aos alunos e alunas a expansão de seus repertórios de leitura para que avaliem com maior consistência as produções literárias com as quais terão contato (Amorim *et al.*, 2022).

3 LIVROS INFORMATIVOS COMO CAMINHO PARA FORMAÇÃO DO LEITOR

Não é preciso ir longe para se notar quanto o ser humano é diferente, mas às vezes é preciso conhecer as diversas formas de se viver no mundo para acabarmos compreendendo a importância de se respeitar nosso semelhante. Só respeita o outro quem conhece o outro.

(Munduruku, 2019, p. 7)

Nesse capítulo tratamos da escolha da obra para a construção do Produto Educacional – um guia de leitura a partir de um livro informativo. O capítulo mostra a importância da leitura não ficcional sobre os povos originários, trazendo informações atualizadas e seguras para os estudantes, bem como a necessidade de se incluir a temática indígena ao longo de todo o currículo escolar. Encontra-se ainda nesse capítulo a descrição do guia de leitura; produto dessa pesquisa.

3.1 Leitura não ficcional sobre povos originários e o currículo escolar

O presente trabalho tem como objetivo investigar o livro informativo e suas contribuições para as práticas de leitura e formação do leitor. Considerando as características dos livros informativos e a necessidade de promover a diversidade sociocultural, em que as diferenças culturais dos povos indígenas, afrodescendentes e de outros povos que possuem identidades específicas sejam valorizadas nesta diversidade, e que se transformem posições preconceituosas e discriminatórias através da literatura na escola, escolhemos um livro literário informativo escrito por um autor indígena para a confecção do produto educacional; um guia de leitura que pode ajudar aos professores em seu trabalho pedagógico e na formação de alunos leitores autônomos e críticos.

O livro informativo pode contribuir não somente para difundir as bases conceituais do conhecimento da sociodiversidade dos povos indígenas, como também para fornecer subsídios para os professores, os quais podem ser formadores sobre essa realidade e sobre as relações que se estabelecem no convívio com as diferenças culturais.

Os povos indígenas, ao contrário do que muitos pensam e até mesmo transferem para as crianças na escola, não são sociedades do passado, são povos que hoje representam uma parcela significativa da população brasileira e que por sua diversidade cultural, territórios, conhecimentos e valores ajudaram e ajudam a construir o Brasil da forma como é no presente. Nos informa Baniwa que:

Há uma grande diferença entre os milhões de povos nativos que habitavam as terras que hoje chamamos de Brasil desde milhares de anos antes da chegada dos portugueses e as poucas centenas de povos denominados indígenas que atualmente compõem os 0,4% da população brasileira, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2001). A diferença não é só de tempo nem de população, mas principalmente de cultura, de espírito e de visão do mundo sobre o passado, o presente e o futuro. (Baniwa, 2006, p. 17)

Hoje, no Brasil, ainda existem muitos mitos a respeito dos povos indígenas e muitos brasileiros que os veem como preguiçosos, improdutivos, empecilhos para o desenvolvimento, enquanto outros os veem como protetores das florestas, dos rios, e possíveis salvadores do planeta, contra a ambição de alguns homens brancos capitalistas que estão devastando a Terra. E quanto aos indígenas, o que pensam a respeito de si mesmos? Como se identificam e se posicionam diante da sociedade?

Essas contradições e preconceitos a respeito dos povos indígenas têm origem, em dada medida, no desconhecimento geral sobre o tema. Visando diminuir essa ausência de democracia racial, cultural e política, os livros informativos podem contribuir de forma significativa com a mudança na forma como concebemos essas etnias, superando a visão estereotipada sobre os primeiros habitantes do Brasil.

Os povos indígenas são grupos étnicos diversos e diferenciados, sua forma de viver varia de povo para povo e de região para região, de acordo com o processo histórico vivido. Baniwa (2006, p. 43) relata que “São 222 povos étnica e socio culturalmente diferenciados que falam 180 línguas distintas”.

Cada povo indígena constitui-se como uma sociedade única, na medida em que se organiza a partir de uma cosmologia particular própria que baseia e fundamenta toda a vida social, cultural, econômica e religiosa do grupo. Deste modo, a principal marca do mundo indígena é a diversidade de povos, culturas, civilizações, religiões, economias, enfim, uma multiplicidade de formas de vida coletiva e individual. (Baniwa, 2006, p. 31)

Essa diversidade cultural dos povos indígenas demonstra a multiplicidade de suas relações com o meio ambiente, com a religião e a variação de tipos de organizações sociais, políticas e econômicas, de produção de material e de hábitos cotidianos. Os modos de vida dos povos indígenas variam de povo para povo conforme o tipo de relações que são estabelecidas com o meio natural e o sobrenatural (Baniwa, 2006).

Os povos indígenas são os povos originários do território brasileiro e estavam presentes aqui antes da chegada dos europeus. Esses povos sofreram com a destruição e apagamento de sua cultura e pretendemos, através desta proposta pedagógica, contribuir para a divulgação de informações relevantes sobre o panorama das comunidades indígenas do Brasil e o resgate de sua riqueza e pluralidade.

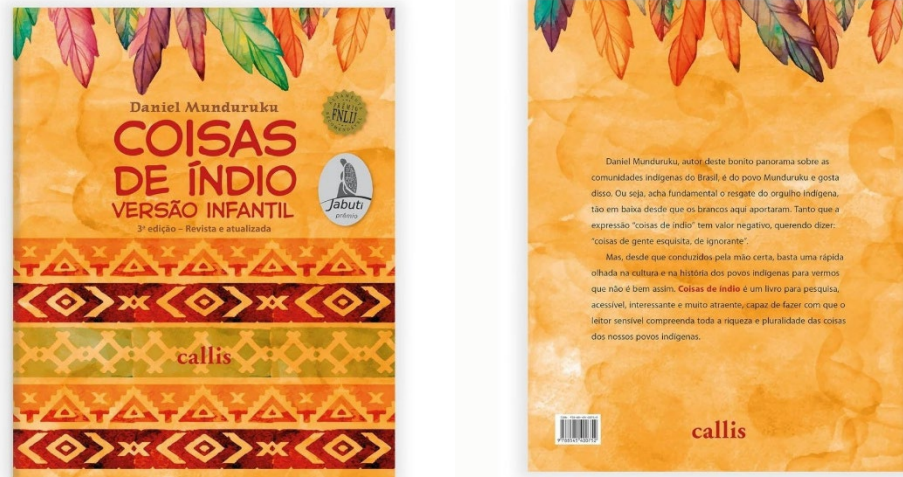
A obra escolhida para a produção do guia de leitura é o livro informativo **Coisas de Índio - Versão Infantil**, de Daniel Munduruku. O livro traz diversas informações curiosas e atualizadas a respeito do modo de vida indígena, sua economia, alimentação, música, criação das crianças e formas de educação, respondendo a muitas perguntas das crianças sobre os povos indígenas e trazendo reflexões a respeito dessas etnias e sua diversidade cultural, social e linguística. O autor relata que escreveu esse livro com o objetivo de oferecer aos estudantes do Brasil um material atualizado sobre os povos indígenas que habitam o país (Munduruku, 2019, p. 7).

Daniel Munduruku nasceu em Belém - Pará, filho do povo Indígena Munduruku. Formado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia, integrou o programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na USP. Foi professor e atuou como educador social de rua pela Pastoral do Menor de São Paulo. Esteve em vários países da Europa, participando de conferências e ministrando oficinas culturais para crianças. Suas obras literárias são, sobretudo, dirigidas ao público infanto-juvenil e têm como tema principal a cultura indígena. É um defensor ativo dos direitos dos povos indígenas, trabalhando para promover a as culturas desses povos no Brasil.

O livro **Coisas de Índio - Versão Infantil** (Prêmios: FNLIJ - Altamente recomendável; Prêmio Jabuti) explica as particularidades da cultura indígena: como são as aldeias, quais as línguas utilizadas, as artes e a educação. O livro desmistifica algumas fantasias sobre o modo de viver dos indígenas, despertando em seus pequenos leitores

o interesse por outras áreas do conhecimento e gerando novos questionamentos a respeito do que já sabem a respeito dos povos originários.

Figura 12: Coisas de Índio: versão infantil (capa e contracapa)



Fonte: Editora Callis

A escolha da obra reconhece ser imprescindível o debate sobre a história e a cultura das populações africanas, afro-brasileiras e indígenas, como prática cotidiana e multidisciplinar. Essa proposta pedagógica acrescenta ainda, de forma crítica, a dimensão da história, e da cultura dos povos indígenas como identidade que forma a nação brasileira, possibilitando um diálogo com a representação indígena, compreendendo melhor o passado e sua relação com o presente de forma contextualizada. O educador como mediador da leitura, atualiza juntamente com os alunos seus conhecimentos sobre a cultura indígena.

Conforme observamos no primeiro capítulo, a obrigatoriedade de ensinar a história e a cultura indígena na escola brasileira foi instituída pela Lei nº 11.645, de 10 março de 2008 (Brasil, 2008), que alterou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. A partir desta alteração tornou-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados no Brasil.

O conteúdo abordado nas escolas a respeito da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena deve incluir vários aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira a partir desses dois grupos, como a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o indígena na formação da sociedade brasileira, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, na história do Brasil. Esse conteúdo deve ser abordado durante todo o ano letivo de forma multidisciplinar.

A lei ainda reforça que esses conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados em especial nas áreas de educação artística, de literatura e história brasileiras, ou seja, é essencial que a literatura na escola aborde a temática indígena. Para abordar de forma segura e atualizada a história e cultura indígena, é essencial que os professores se atualizem através de um material confiável, isento de preconceitos, preferencialmente produzido por indígenas e que contenha dados oficiais a respeito desses povos.

3.2 Guia de leitura: uma proposta de trabalho

O guia de leitura é um produto tecnológico, fruto de pesquisa científica, voltado para a formação de professores, visando o bem-estar social. O manual de **Produção Técnica** da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES relata que o que é um produto:

PRODUTO: é o resultado palpável de uma atividade docente ou discente, podendo ser realizado de forma individual ou em grupo. O produto é algo tangível, que se pode tocar, ver, ler, etc. Pode ser um cultivar ou um conjunto de instruções de um método de trabalho. O Produto é confeccionado previamente ao recebimento pelo cliente/receptor, que só terá acesso após a conclusão dos trabalhos. (Brasil, 2019, p. 16)

Esse produto se encaixa no item Material didático, sendo um produto de apoio com fins didáticos, utilizado na mediação de processos de ensino e aprendizagem. Dentro do produto Material didático está incluso o sub-tipo impressos, do qual faz parte o guia de leitura.

O guia de leitura é um documento que auxilia no estudo de terminada obra, livro ou texto. Ele pode trazer resumos, análises, sugestões de leitura complementar, interpretações e aprofundamento do tema para facilitar a compreensão da obra em questão. Um guia de leitura ajuda a contextualizar a obra e refletir sobre sua relevância, sendo útil para enriquecer a experiência de leitura. No caso do guia de leitura apresentado nesse trabalho, em particular, pode ajudar o professor a trabalhar a temática indígena.

O guia de leitura do livro **Coisas de Índio - Versão Infantil** inicialmente conceitua livro informativo e traz uma breve apresentação do livro. Em seguida, é realizada uma apresentação do autor, para o leitor do guia entenda que o autor é uma pessoa indígena e um professor e pesquisador, que fala com conhecimento a respeito dessa temática. É importante ressaltar, para fins de diminuir os estereótipos, que a pessoa indígena também ocupa lugares em nossa sociedade, podendo ser um professor, pesquisador, escritor, médico, engenheiro, advogado, enfim, pode ser o que ele quiser. Na apresentação do autor, estão disponíveis as redes sociais dele para consulta.

Após a apresentação do autor, seguem algumas sugestões de obras do mesmo autor, que podem dialogar com o livro escolhido e ajudar ainda mais o professor na abordagem da temática indígena.

Como o objeto é um livro informativo, é fundamental que o leitor dê importância aos paratextos, pois, como já relatado anteriormente, um bom livro informativo é pensado em relação ao *design*, às imagens, à diagramação, à tipografia e aos paratextos. Por esse motivo, o guia de leitura traz uma parte de informação a respeito dos paratextos e como estes podem ser explorados pelo professor com seus alunos.

Em seguida, o guia apresenta sugestões para o professor de como utilizar o livro **Coisas de Índio - Versão Infantil** antes mesmo de iniciar a leitura, através de perguntas e questionamentos que incentivam a curiosidade e faz o levantamento de hipóteses que, após a leitura, podem se confirmar ou não. Dentro desse item “Antes da leitura” existe uma parte destinada a informações do último censo demográfico a respeito da quantidade de pessoas indígenas e sua localização no Brasil. Há ainda um lembrete ao professor quanto ao fato dos povos originários não serem um único povo, mas povos diversos, com características próprias. Lembramos ainda da obrigatoriedade de o tema

ser abordado na escola devido à Lei 11.645/2008 e de como o saber científico pode contribuir para diminuir os estereótipos que são encontrados na escola.

Iniciamos uma breve mostra dos tópicos que são abordados no livro, pois o professor pode também escolher apenas um desses tópicos para suas atividades pedagógicas. Esse item chamado de “Durante a leitura” apresenta, então, os tópicos do livro e algumas sugestões de metodologias para a atividade pedagógica.

Apresentamos o tópico “Após a leitura”, que descreve atividades que o professor pode fazer com sua turma para avaliar o que foi apreendido pelas crianças e o que ainda é necessário abordar. Após a leitura, é interessante fazer uma exposição dos trabalhos que foram realizados durante a leitura para retomar o que foi aprendido.

Para finalizar o guia de leitura, apresentamos outros livros de temática indígena que podem ser utilizados pelo professor e as referências para a construção do guia.

Dessa forma, o guia que construímos, bem sabemos, é um projeto inicial e que dialoga com as experiências obtidas ao longo da graduação. Em outras palavras, o material produzido poderá ser aprimorado em diversos aspectos, mesmo assim, acreditamos em seu potencial como ferramenta que pode auxiliar o trabalho prático na sala de aula, bem como apontar caminhos a serem trilhados, usando outros livros, conhecendo outros autores, abrindo uma porta a mais para a formação dos leitores, bem como para os letramentos exigidos por uma sociedade como a nossa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O letramento, conceito desenvolvido por Soares (2022), é descrito em seu livro **Alfabetrar**, como o “[...]desenvolvimento explícito e sistemático de habilidades e estratégias de leitura e escrita” (Soares, 2022, p 12); consiste então em conhecer os usos sociais da escrita, ter a capacidade de ler, interpretar e escrever variados textos. O letramento literário, por sua vez, conforme Cosson (2021), seria um processo que se desenvolve utilizando textos literários.

A literatura é uma forma própria de linguagem que contém as informações sobre o homem e o mundo e, através do uso de diversos textos literários, há a contribuição para a formação do leitor. Quanto ao letramento literário escolar, a literatura no ensino

fundamental das escolas brasileiras tem a função de formação do leitor, já que a maioria das famílias brasileiras, por motivos variados, não possui acesso a essa forma de linguagem. Compreendemos, a partir do percurso realizado por esta pesquisa, que o letramento literário é responsabilidade da escola no Brasil, sendo o professor o responsável por encontrar uma maneira de ensinar, utilizando as práticas literárias e a leitura efetiva dos vários tipos de textos (Cosson, 2021).

A experiência de pesquisa a partir dos conceitos de leitura, letramento literário e dos livros informativos nos permite afirmar que a todo tempo somos chamados a ler e interpretar. Saber lidar com essas demandas pode impactar no trabalho desenvolvido na escola para a formação de jovens leitores, sujeitos críticos e autônomos.

Os livros informativos são livros de não ficção com a função de transmitir conhecimento, que falam sobre ciência, invenções, sociedade, personagens históricos ou arte. Podem abordar temas como alimentação, artesanato, jardinagem, política, filosofia, vida cotidiana, biografias, química, física, história ou matemática Garralón (2015).

Por suas características, os livros informativos podem oferecer respostas aos questionamentos das crianças sobre o mundo e a vida, já que possuem informações organizadas e visam à formação de leitores e “pesquisadores”. Cada livro informativo traz em si respostas sobre determinado tema e perguntas que geram em seus leitores o interesse de se aprofundar, de conhecer mais ainda sobre esse determinado assunto e suas especificidades, contribuindo assim no interesse de novas leituras.

Além da formação de leitores, os livros informativos contribuem também o ensino de matemática, com a interpretação de tabelas e gráficos e para a formação de pesquisadores. O objeto pesquisado apontou caminhos positivos para um trabalho crítico na formação de leitores, demonstrando que os livros informativos podem ser instrumentos valiosos e contribuir com os docentes na formação do leitor e na divulgação de conhecimentos científicos, embora ainda seja um gênero pouco explorado no contexto escolar.

Os livros informativos demonstraram também ser uma fonte de produção pedagógica para o trabalho com a leitura, ofertando aos professores várias formas de realizar a exploração da obra. A leitura pode ser realizada em partes ou de maneira

integral; pode ser utilizada em determinado projeto ou mesmo em vários projetos. Inúmeras metodologias e práticas, como o Guia de leitura procurou demonstrar, podem ser utilizadas para contribuir com a formação de leitores.

Quanto aos impactos da literatura na formação de leitores, compreendemos que esta permite uma relação entre as pessoas e a sociedade em que elas vivem. Em se tratando de literatura infantil e de crianças que ainda estão aprendendo a ler, a literatura desperta na criança a curiosidade a partir das formas, das cores, do cheiro, da textura e dos sons presentes no livro. A literatura estimula a imaginação, a criatividade, o raciocínio, e ajuda a desenvolver a linguagem a memória, o cognitivo, apresentando uma visão mais ampla de mundo e promovendo conexões entre as informações que essas crianças já possuem. O livro **Coisas de índios**, pesquisado neste trabalho, dá materialidade a tudo isso, mostrando um universo, talvez, desconhecido por algumas crianças e mesmo pelos professores.

Pude perceber durante esse estudo e, principalmente durante um projeto de extensão que participei, *Projeto Literar*, no qual eu ia até a escola fazer contação de histórias, que o contato com o livro estimula a criança no processo de alfabetização, fazendo com que ela se interesse em obter a autonomia de decifrar sozinha essas histórias.

Ainda participando dos estágios e projetos, percebi que os livros informativos ainda são pouco utilizados e conhecidos pelos professores, porém são de grande importância para divulgação de conhecimentos científicos na escola e na prática de uma leitura crítica e reflexiva, cheia de conexões e questionamentos. Sendo assim, acredito que esse trabalho será de grande valia para os docentes que a ele tiverem acesso e que ainda há muito a respeito desse objeto a investigar.

O produto da pesquisa, o Guia de leitura do livro **Coisas de Índio - Versão Infantil**, também pode contribuir com os professores que o acessarem, diante da necessidade de se promover uma educação que contribua para as relações étnico raciais, sendo um caminho para que as crianças construam identidades positivas, de si e de seus colegas, e estejam em contato com a cultura indígena e afro-brasileira. Os livros informativos podem ser utilizados em práticas pedagógicas promotoras de igualdade racial, visando o cumprimento da legislação e o pleno desenvolvimento das crianças.

Reiteramos que o trabalho não teve como objetivo analisar detalhadamente o livro **Coisas de Índio - Versão Infantil** como livro informativo. Suas características (capa, contracapa, imagens, fotografia, tipografias, uso de gráficos e tabelas) podem ser investigadas posteriormente em outra pesquisa.

Finalmente, existe ainda pouca pesquisa a respeito dos livros informativos em geral, e poucos professores utilizam os livros informativos de forma planejada para estimular a leitura e divulgar conceitos científicos.

É pertinente um estudo mais aprofundado do tema, livros informativos, ligado à educação de alunos surdos, pois esse gênero, por ser bastante visual, com muitas imagens, fotografias e tipografias diferentes, por conter tabelas, mapas, glossários e um *design* produzido com rigor, pode ser fundamental na aquisição e construção de conceitos para esses alunos que, por muitas vezes, encontram dificuldades com o texto escrito em português.

Desejo que vários professores tenham acesso a esse trabalho e que, de alguma forma, possam encontrar a resposta para alguma inquietação ou dificuldade na sala de aula. E que outras pesquisas possam surgir a partir desta, contribuindo ainda mais para uma educação libertadora.

O guia de leitura **Coisas de Índio - Versão Infantil** pode ser acessado através do QR CODE abaixo:



REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Pensamentos que penso quando não estou pensando**. Campinas: Papirus, 2019.

AMORIM, Marcel Álvaro de. (et al). **Literatura na escola**. São Paulo: Contexto, 2022.

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil hoje**. Brasília: MEC, 2006.

BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 01/04/2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. **Produção Técnica**. Brasília, 2019. Disponível em <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/10062019-producao-tecnica-pdf>. Acesso em 22 /11/2024.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1997. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/livro02.pdf>. Acesso em 01/04/2024

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros curriculares nacionais (Ensino Médio) – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf. Acesso em 14/04/2023.

BRASIL. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Brasília, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em 14/04/2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 01/04/2024.

CADEMARTORI, Lígia. PARA NÃO ABORRECER ALICE: a ilustração no livro infantil. In PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (org.). **Literatura Infantil: políticas e concepções**. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. Coleção Primeiros Passos. Tatuapé, São Paulo: Editora e Livraria Brasiliense, 2010.

CAMPOS, Ana Paula. **Processos de design na divulgação científica para crianças: estudo de caso de livro informativo**. Dissertação (Mestre em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.

CARVALHO, Ana Carolina e BAROUKH, Josca Ailine. **Ler antes de saber ler: oito mitos escolares sobre a leitura literária**. São Paulo: Panda Books, 2018.

CORRÊA, Hércules Tolêdo. Qualidade estética em obras para crianças. In PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (org.). **Literatura Infantil: políticas e concepções**. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2019.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2019.

FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da; CALDIN, Clarice Fortkamp. **Livro Ilustrado: Texto, Imagem e Mediação**. *Perspectivas em ciência da informação* 21.1 (2016): 194–206. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pci/a/qqjzs8gJfMWHfK3XqmRphqR/?lang=pt>. Acesso em: 20/04/2024

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1988.

GARRALÓN, Ana. **Ler e saber: os livros informativos para crianças**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2015.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: História & Histórias**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LINDEN, Sophie Van Der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac & Naify por SESI-SP; 1ª edição, 2011.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. O PNBE E O CEALE: de como semear leituras. In PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (org.). **Literatura Infantil: políticas e concepções**. Coleção Literatura e Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio - versão infantil**. Vários ilustradores. São Paulo: Callis, 2000.

MUNITA, Felipe. **Do que aconteceu com a Catalina e do danoso e grande escrutínio ao mediador de leitura**. Revista Emília (virtual), Formação de leitores, 20 de março, 2019. Disponível em: <https://emilia.org.br/do-que-aconteceu-com-a-catalina-e-do-danoso-e-grande-escrutinio-ao-mediador-de-leitura/>. Acesso em: 06/06/2024.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. 8ª edição. São Paulo, Cortez, 2008.

RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual**. 1.reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

SANTOS, Fábio Cardoso dos e MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com a literatura infantil**. São Paulo, Cortez, 2013.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo, Editora Contexto, 2022.

SOARES, Magda. **Letramento, um tema em três gêneros**. Belo Horizonte-MG, Autêntica, 2012

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Revista Educação e Sociedade. Campinas, v. 23, N° 81. Pag. 143-160, dez. 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/zG4cBvLkSZfcZnXfZGLzsXb/?lang=pt#> Acesso em 13/03/2024.

VIGOTSKI, Lev Semenovick. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1998.

ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2006. E-book. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 15 maio 2024.